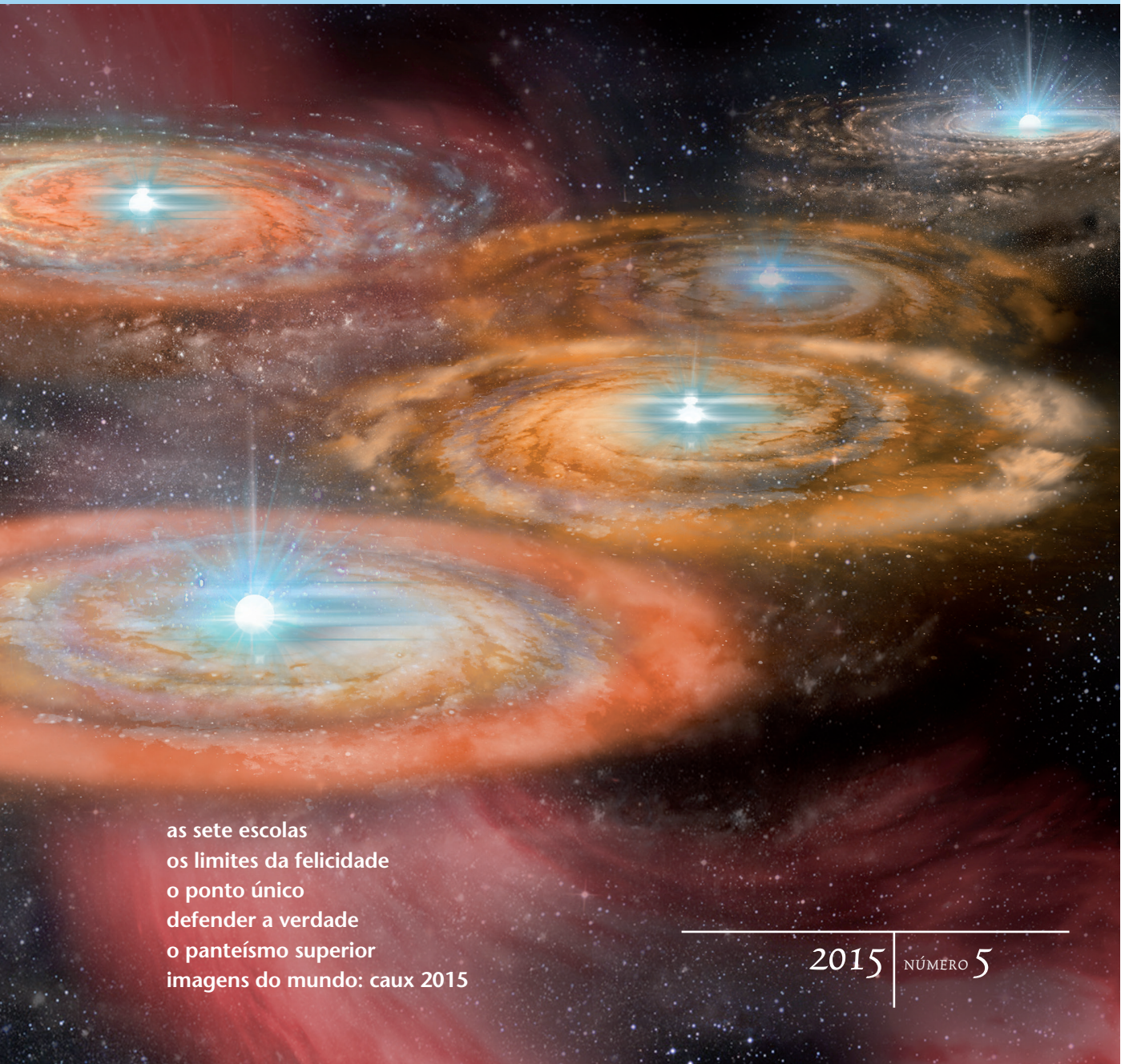


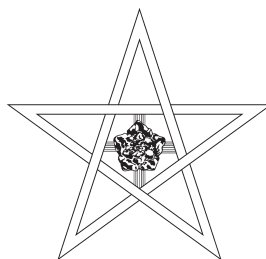
pentagrama

Lectorium Rosicrucianum



as sete escolas
os limites da felicidade
o ponto único
defender a verdade
o panteísmo superior
imagens do mundo: caux 2015

2015 | NÚMERO 5

**Edição**

Rozekruis Pers

Redação Final

Peter Huijs

Redação

Kees Bode, Wendelijn van den Brul, Arwen Gerrits, Hugo van Hooreweeghe, Peter Huijs, Hans Peter Knevel, Frans Spakman, Anneke Stokman-Griever, Gerreke Uljée, Lex van den Brul

Diagramação

Studio Ivar Hamelink

Secretaria

Kees Bode, Gerreke Uljée

Redação

Pentagram
Maartensdijkseweg 1
NL-3723 MC Bilthoven
e-mail: info@rozekruispers.com

Edição Brasileira

Pentagrama Publicações
www.pentagrama.org.br

Publicação Digital

Acesso Gratuito

Responsável pela Edição Brasileira

Adriana Ponte

Coordenação, Tradução e revisão

Adriana Ponte, Emanuel Saraiva, Rossana Cilento, Amana da Matta, Carlos Gomes, Helena Schaffne, José de Jesus, Marcia Moraes, Mariana Limoeiro, Marlene Tuacek, Mercês Rocha, Rafael Albert, Adèle Abdalla, Erika Trindade, Fernando Leite, João Batista Ponte, Lino Meyer, Luis Alfredo Pinheiro, Marcílio Mendonça e Urs Schmid

Diagramação, capa e interior

Bruna Andrade

Lectorium Rosicrucianum**Sede no Brasil**

Rua Sebastião Carneiro, 215, São Paulo - SP
Tel. & fax: (11) 3208-8682
www.rosacruzaura.org.br
info@rosacruzaura.org.br

Sede em Portugal

Praça Anónio Sardinha, 3A (Penha de França) | 170-022
Lisboa
lisboa@rosacruzaura.org
portugal@rosacruzaura.org

A revista Pentagrama é publicada seis vezes por ano em alemão, inglês, espanhol, francês, húngaro, holandês e português.

Ela é publicada apenas quatro vezes por ano em búlgaro, finlandês, grego, italiano, polonês, russo, eslovaco, sueco e tcheco.

© Stichting Rozekruis Pers

Proibida qualquer reprodução sem autorização prévia por escrito

ISSN 1677-2253

Revista Bimestral da Escola Internacional da Rosacruz Áurea Lectorium Rosicrucianum

A revista **pentagrama** dirige a atenção de seus leitores para o desenvolvimento da humanidade nesta nova era que se inicia.

O pentagrama tem sido, através dos tempos, o símbolo do homem renascido, do novo homem. Ele é também o símbolo do Universo e de seu eterno vir-a-ser, por meio do qual o plano de Deus se manifesta. Entretanto, um símbolo somente tem valor quando se torna realidade. O homem que realiza o pentagrama em seu microcosmo, em seu próprio pequeno mundo, está no caminho da transfiguração. A revista **pentagrama** convida o leitor a operar essa revolução espiritual em seu próprio interior.

pentagrama

ano 37 2015 número 5

Por tudo o que sabemos desde tempos imomerais, a verdadeira tradição esotérica, que trata da libertação da alma humana, afirma que alguém somente poderá se tornar cidadão do Reino dos Céus se for auxiliado por escolas gnósticas autênticas.

Embora tudo possa ser objeto de leituras ou de estudos, a vivência do Caminho é uma exigência a fim de se alcançar suficiente força interior que nos permita ultrapassar o limiar que nos separa da verdadeira visão da realidade. Esse Caminho, que é protegido pelos “Mensageiros da Senda” por toda a eternidade, é muito especial. Ele começa e termina no não-saber; inicia humildemente e finaliza modestamente. Ao longo da estrada, aprendemos que somos únicos e, ao mesmo tempo, somos todos iguais como seres humanos. Também percebemos que somos tão marcantes quanto os milhões de estrelas do glorioso firmamento divino e, ao mesmo tempo, únicos na experiência do Único – que existe no mais profundo centro do nosso ser e em cada uma das milhares de células que estão à sua volta. Os Mensageiros da Senda nos conhecem, nos protegem e nos auxiliam: eles formam a Fraternidade Universal. Sem eles, nem mesmo o menor avanço é possível. Sua benevolência faz a senda se tornar uma estrada larga que conduz à verdadeira realidade, que envolve amorosamente nosso planeta!



Capa: Nascimento de estrelas extremamente luminosas – cem milhões de vezes mais luminosas que nosso sol – nas nebulosas espiraladas de nosso jovem universo. Impressão artística © Shantanu Basu, Universidade de Ontário Ocidental, Canadá.

as sete escolas

o divino entusiasmo da ação,
j. van rijckenborgh 2

os limites da felicidade 6

imagens do mundo:

jovens rosacruz em caux 2015 12,
13, 25, 39, 48, 49

**explorar os limites para conquistar
sua liberdade 14**

o ponto único 18

**a redescoberta da gnosis V
(final) 26**

limites 30

o panteísmo superior 32

defender a verdade até a morte

a primeira reforma – jean hus 34

a viagem de mantao III (final) 40

as sete escolas

J. van Rijckenborgh

Nas escrituras sagradas existe uma lenda encantadora sobre as almas irmãs. Quando da manifestação da onda de vida humana, a nova vida se manifestou de modo sétuplo. Mediante sete raios, os espíritos virginais desceram à escola da experiência. Cada um dos sete espíritos diante do trono (os espíritos planetários), inspirados pelas doze hierarquias criadoras (os signos do zodíaco), preparou um grupo especial de almas humanas para o formidável processo de desenvolvimento que todos nós atravessamos.

Dessa forma, cada “filho dos homens” possui uma estrela-pai, sem saber de qual se trata. Assim, pode ser que reencontremos, em nosso meio ou fora dele, pessoas ou grupos que exerçam excepcional atração sobre nós. Então, sentimos intuitivamente dentro de nós muitos laços que trazem uma luz para nosso processo de desenvolvimento e vivenciamos sentimentos de alegria e satisfação. É assim que desperta em nós algo que estava dormindo em nosso interior mais profundo e que veio resistindo desde tempos incalculáveis: o poder interior do reconhecimento. Reencontramos um gêmeo, uma gêmea, uma alma gêmea. Reencontramos almas que possuem a mesma estrela-anjo que nós e que vieram do mesmo raio. É com essas almas que seguiremos em frente até o fim, quando, no decorrer de nosso progresso e em nossa ascensão, alcançarmos a pátria; quando, no apogeu de nosso desenvolvimento, cantarmos o sétuplo cântico de amor e amizade, de autosacrifício e de ação.

Assim como a onda de vida humana se desenvolve de sete maneiras diferentes, há também sete escolas de iniciação. Desse modo, apenas podemos nos desenvolver naquela que corresponde ao raio ao qual pertencemos. E será

somente após o término da viagem, em sua derradeira iniciação, que o aluno que segue a senda receberá o nome da estrela paternal e conhecerá sua procedência.

É desse modo que se explica como as sete escolas são manifestações dos sete raios, dos sete espíritos planetários, e por que são esses sete raios que podem conduzir a humanidade à iniciação. Isso também explica por que todas as pessoas que sentem a necessidade desses sete raios e saem em sua busca com todo o seu ser são conduzidas à escola que desejam, ao raio com o qual têm afinidade e com o qual mantêm contato. Por isso, vemos a humanidade harmoniosamente distribuída sobre a Terra em sete grupos e ligada por laços interiores. Diante dos olhos do espírito, vemos a imagem da meta da evolução, com a qual o Evangelho de Mateus, por exemplo, também quer nos tocar. Mas esse caminho é austero e solitário. Ele é pontil-

Prato em cerâmica minai reproduzindo os sete planetas, com o sol no centro. Ao mesmo tempo, é a representação do xeique como centro profano e espiritual, rodeado por seus fiéis ministros.

Arte persa do início do século 13.

© Metropolitan Museum of Art, Nova Iorque



Jan van Rijckenborgh e Catharose de Petri são os fundadores da Escola Espiritual da Rosacruz Áurea. Nessa escola eles explicaram aos alunos a senda da libertação da alma de várias maneiras, utilizando-se muitas vezes de textos originais da doutrina universal, tendo sido um exemplo para os alunos, pois, além de estudar seriamente a senda, realizaram-na em suas vidas.

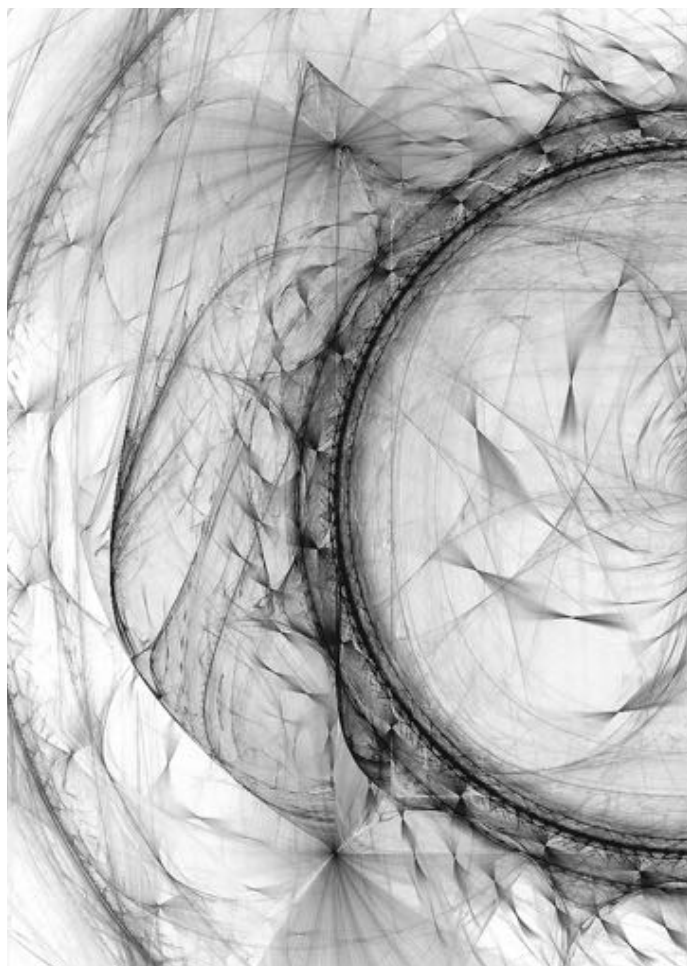


hado de resistências. Esse é o caminho de esforços e angústias de uma noite sufocante durante a qual a humanidade sofre, se atormenta e se agita desesperadamente.

Para onde? Se o buscador fizer essa pergunta mil vezes, receberá mil respostas diferentes. Será enviado a um reino mágico e dourado, que está “do outro lado”. Alguém lhe indicará um provável “Além”, que se manifesta de forma dual. Uma hora é pura felicidade; outra, é o fogo do inferno. Mas, nesta vida, trata-se de devorar ou ser devorado – e assim por diante. Todos conhecem essas sensações imprecisas e essas crenças. Sem dúvida, muitos ouviram, como nós, a zombaria de milhões de indivíduos que não vêm qualquer saída e que são como loucos nas camisas-de-força de uma civilização cheia de orçamentos de guerra e matadouros, tanto para a vida animal como para a vida humana.

Mas acima e através dessa multidão que se contorce, lá está, radiante, a Luz branca. Porém, o homem agora somente consegue enxergar, de quando em quando, alguns vislumbres da Luz. Ela parece tão distante e tão irreal! Sim, lá no fim do caminho, estão as sete moradas. Quando partimos para nossa jornada, todos, sem exceção, sabíamos disso, mas no decorrer de nossa rota esquecemos completamente e achamos que o reino da matéria e o império dos sentidos eram a meta principal. No entanto, aí estão as sete luzes que se elevam da Terra. São os sete caminhos que levam à iniciação. Todos estão sob o controle e a liderança da Única Luz.

E os que se preocupam com o destino de seus irmãos e irmãs na matéria e para além dela? E os que querem verdadeiramente se doar no altar de serviço para ajudar verdadeiramente seus semelhantes que ainda estão no caminho? Eles





podem se alçar até os sete raios para adquirirem forças e se enriquecerem de sabedoria, a fim de realizarem seu árduo trabalho como participantes do trabalho da vinha. Reconhecemos imediatamente a chave que dá acesso a essas escolas: *é o imenso e transbordante desejo de ajudar os seres humanos*. E esse desejo é o ponto culminante de toda a Fraternidade Universal.

Atualmente conhecemos nossa tarefa. Nossa missão: nenhum arrebatamento místico, mas uma vida comum de ações e de autodoação, aqui na matéria. Deixemos que esse divino entusiasmo da ação nos inflame! A vibração que ele suscita haverá de se propagar ao longe: assim, livrará nossa atmosfera, a milhas de distância, de todas essas forças negras. Mas a imagem que tentamos elaborar ainda não é perfeita, pois poderíamos simplesmente crer que as sete escolas são separadas, o que suscitaria em nós precisamente essa consciência de separação, que pedimos para Deus banir de nós.

Não: as sete são uma escola só!

Mas é preciso dizer que numerosos são os que retardam seu avançar no caminho e escolhem uma direção errada. Acima das sete escolas está fundamentada aquela que abarca o todo, a Luz branca que abraça todas as escolas, Cristo, o espírito solar que vem fazer sua morada entre nós e impregnar a Terra e seus habitantes com seu poder irradiante. Assim, a separação aparente torna-se uma unidade, e nossa própria natureza se torna a imagem interior da Bíblia como única escola para o Ocidente, como caminho para Ele, para a Luz. Também não pode ser de outra forma, pois aqueles que têm conhecimento dessa Luz – os que sabem, não como uma lição decorada, mas graças à ampla visão que têm de seu próprio ser e das possibilidades nele contidas – põem-se a testemunhar da Luz e levam-na aos lugares onde mais ela é necessária. ✪

os limites da felicidade

Pensadores, sábios e numerosos textos sagrados nos ensinam que temos tudo para irradiarmos felicidade, ou pelo menos para sermos felizes! Então o que nos falta para tornar isso uma realidade, quando todos os nossos esforços se voltam para esse objetivo?

É visando esse mesmo fim que a sociedade nos oferece tudo o que possa contribuir para nosso bem-estar, e é coletivamente que nos submetemos a um marketing astucioso e muito eficaz aplicado à ideia de felicidade. Todos nós acreditamos que estamos progredindo à medida que consumimos. Ora, isso não nos torna mais felizes. Ao contrário: está faltando exatamente aquilo que pode nos tornar realmente felizes. No fim das contas, até a ideia de felicidade nos escapa. É por ela que buscamos desesperadamente hoje em dia.

A FELICIDADE PROMETIDA A ideia de felicidade é relativamente recente. Antigamente, o interesse se voltava mais para valores como obediência e virtude, por exemplo. A recompensa por haver observado esses valores vinha somente mais tarde — ou seja, após a morte. Então a felicidade eterna vinha como recompensa por aquilo de que a pessoa havia se privado durante uma vida que, até o derradeiro momento, tinha sido um vale de lágrimas; uma vida de fadigas para sobreviver, como punição pelo pecado original cometido por outrem.

Felizmente os tempos mudaram. Mas hoje deseja-se a felicidade aqui e agora, imediatamente, o que dá motivo a um novo sentimento de culpa, pois, apesar de tudo, não conseguimos ser felizes. Já não trabalhamos tanto pelo pão de cada dia, mas pela realização de nossa felicidade pessoal. Queremos nos aproximar dela adquirindo muitas coisas diferentes, porém ela nos foge por entre os dedos. O simples fato de adquirirmos um produto e desempacotá-lo nos causa momentos de prazer seguidos por sentimentos de culpa diante do armário cheio de roupas não usadas, da biblioteca repleta de livros





Wilhelm Schmid, filósofo da vida, escreveu inúmeros livros sobre o tema, *Por que a felicidade não é o que há de mais importante na vida.* (2011) e *Ser infeliz – Um encorajamento* (2013). “Os seres humanos acreditam que a vida e tudo o que ela comporta deve ser inteiramente positivo. Esta é a mensagem do pensamento. Contudo, a vida também contém abismos. Se você ousar encará-los, então a vida lhe dará tudo, e você viverá de maneira autêntica.” Essa afirmação do autor aproxima-se bastante da visão de Schopenhauer em *Parerga et Paralipomena*

II, cap. 12, 148: “Se o sentido mais próximo e imediato de nossa vida não é o sofrimento, nossa existência é o maior contrassenso do mundo, pois constitui um absurdo supor que a dor infinita, originária da necessidade essencial à vida, de que o mundo está pleno, é sem sentido e puramente acidental. Nossa receptividade para a dor é quase infinita, enquanto que para o prazer possui limites estreitos. Tomada individualmente, a infelicidade parece ser uma exceção, mas é a infelicidade geral que constitui a regra.”



Michael Foley, *A abundância absurda – Por que é tão difícil ser feliz* (título original *The Age of Absurdity. Why Modern Life makes it hard to be happy*) 2012. Nesse livro, esse professor de Tecnologia da Informação, na Irlanda do Norte, não tem a intenção de nos desviar desta realidade absurda, mas de nos fazer observá-la atentamente e refletir sobre ela. Para M. Foley, o melhor remédio contra a abundância absurda é nos voltarmos para Deus e nos perdermos nele, sendo que a perda de si mesmo é a mais intensa experiência.

não lidos, de CDs pouco ouvidos.

A FÚRIA DE CONSUMO Já faz muito tempo que nem mesmo é preciso sair de casa para comprar: basta um clique com o mouse. Enquanto isso, nosso comportamento como consumidores também é observado atentamente e mantido sob vigilância. E com o auxílio da neurociência, as mensagens publicitárias ofuscantes transpassam inexoravelmente nossa assim chamada imunidade ao perigo de sermos contaminados por elas. Quantos i-watches a Apple ainda vai vender? Com frequência somos fisgados pelo cenário cheio de prazer do consumismo. Seguramente isso nos dá certo prazer e a vida fica um pouco mais fácil. Mas onde está a felicidade em tudo isso?

AS LEIS DA FELICIDADE Dizem que todos nós temos direito à felicidade e inúmeras autoridades cuidam para que consigamos nossos pretensos direitos. Caso não tenhamos sucesso, podemos fazer nossa reclamação num guichê... já bastante lotado com inúmeras reivindicações. Cabe à sociedade de serviços proteger nossa vida do nascimento à morte,

sem deixar nada ao acaso.

Mas... embora recorramos aos tribunais quando nos sentimos injustiçados, parece que está cada vez mais difícil encontrar um culpado. No fim, contrangidos e forçados, somos obrigados a admitir que existe uma falha fundamental, pois é impossível satisfazer de maneira organizada a todo desejo de bem-estar e de felicidade, bem como prevenir qualquer eventual desgraça.

A ARTE DE SER INFELIZ Será que existe uma felicidade espontânea? Sejam realistas: uma certa dose de má sorte na vida é inevitável. Por isso, mesmo o espírito mais desperto não consegue deixar de ter um sentimento de inquietude. Nossa natureza sempre nos faz sentir infelizes, como se tivéssemos perdido a capacidade de encontrar a felicidade. Pesquisas sobre o funcionamento do cérebro demonstraram que experiências positivas exercem sobre nós um efeito mais efêmero do que as experiências negativas. Além do mais, a capacidade de nos sentirmos bem diminui à medida que nossa atenção se dispersa na busca incessante por novos estímulos. O que ocorre no cérebro nessas condições, quando estamos continuamente “acessíveis”, sempre *online*, em constante companhia virtual? O que acontece quando nos dão sempre mais coisas para ver, para armazenar e digerir através das notícias efêmeras do dia? Será que conseguimos incorporar tudo isso? Sujeitos a inúmeros impulsos sucessivos, será que podemos encontrar um pouco de quietude e de silêncio a fim de discernir o que está acontecendo?

De qualquer forma, o êxtase artificial provocado

O psicanalista Paul Verhaeghe faz uso do termo “meritocracia”, que ele aplica ao modelo de sociedade neo-liberal, na qual nos encontramos submetidos a uma enorme pressão para a realização obrigatória, devido à competitividade excessiva, e pela qual, na luta gerada por ela, somos levados ao egoísmo. Ao final de um congresso que tratava dos cuidados da saúde psíquica, ele conclui: “Uma meritocracia neo-liberal estabelece infalivelmente uma concorrência entre os indivíduos e tem como consequência o desaparecimento da solidariedade e do

espírito comunitário. Combinado com um sistema obstinado de avaliação externa, isso causa o que há de mais perigoso: o desaparecimento de toda e qualquer ética. No passado, cada pessoa se sentia como parte de uma comunidade e se identificava com sua ética. Hoje em dia, o indivíduo se encontra diametralmente oposto a uma organização, e as duas partes somente têm uma coisa em vista: levar vantagem. A meritocracia neo-liberal gera, assim, um egoísmo universal!”

pelas ilusões que nos cegam apenas consegue abrandar o mal-estar provisoriamente. Nossas insistentes tentativas de querer exigir de nossa existência mais do que ela nos pode dar chega ao fim.

Somente então podemos exigir de nós mesmos, na contracorrente, que nossa vida se abra para além da existência. E, paradoxalmente, é nesse mesmo instante que se patenteia o que é mais essencial. Isso pode nos parecer menos apaixonante, menos excitante do que aquilo com que antes sentíamos prazer em sonhar, mas por outro lado, esse momento presente colocado sob nossa observação nos mostra o que verdadeiramente está em causa. Não mais como espectadores superficiais com todas as suas fúteis projeções, mas como observadores profundamente interessados por tudo o que se passa em nosso interior. Somente podemos estar verdadeiramente presentes em nosso ambiente pessoal onde passamos alternadamente por alegrias e sofrimentos. Nesta vida sempre há lugar para uma desgraça passageira, para o sofrimento, para o insucesso e para uma perda. Essa vida pode ser simples, ou então complicada e penosa, mas,

de qualquer modo, ela é verdadeira e vívida. Se conseguíssemos perceber isso, aceitando e abandonando toda e qualquer resistência, fariamos um grande e sério progresso! Então, em vez de buscadores de felicidade nos tornaríamos buscadores de sentido, e a vida seria a melhor das escolas.

O SENTIDO DO FUNCIONAMENTO DO MUNDO

Finalmente descobrimos que não há nada de novo a dizer sobre nossa vida, e que ela é melhor do que poderíamos desejar. A atual aceleração do ritmo de vida aumenta o estresse, e quanto maior se torna a pressão, mais aumenta o desejo de nos libertarmos. Assim, no meio da agitação, nosso desejo febril de felicidade pessoal revela-se uma caminhada inevitável rumo à descoberta da verdadeira felicidade. Descobrimos nossos inúmeros apegos tolos e tudo que provocaram em nosso cérebro, como nos paralisaram em nossa liberdade de pensamento e ação em proveito de outras pessoas. Poderíamos dizer que nossas meninges formam o *hardware* para a felicidade, mas que o *software* dos numerosos programas egóicos nos pregam peças. Nenhum exercício mental pode nos ajudar a

Dirk De Wachter afirma, em seu livro *Borderline Times* (Tempos limítrofes. O fim da normalidade), de 2012, que se na época atual existem sempre mais pessoas que correspondem ao diagnóstico de *estado limítrofe*, isto se deve ao fato de que: “Nessa sociedade de felicidade, ficou difícil não nos sentirmos bem. Existe um mito exagerado a respeito da felicidade: a cada dia tudo deve ser fantástico. Ora, não é assim que funciona. Eventualmente acontece de um dia ser menos formidável, e às vezes sucedem sérios reveses. E então, em tais casos, parece que nos falta resistência.”

desfazer-nos dos velhos esquemas: toda e qualquer prática somente fará que aumentem. Devemos começar a deixar afluir para o coração a corrente de vida do Outro, o Bem único. Isso nos purificará dos desejos tolos ligados às circunvoluções mentais típicas do eu. Então, experimentaremos o apaziguamento, a profundidade e o silêncio...

A UNIDADE CABEÇA-CORAÇÃO Um coração que está assim tão aberto para tudo o que aflui em abundância da fonte da felicidade espiritual somente poderá produzir um pensamento novo e criativo. Essa abertura torna possível uma sintonia perfeita entre o coração e a cabeça. Então, produz-se um milagre no espaço de nossa vida interior: podemos enfim aceitar sem reserva nossa existência limitada e transitória. Dizemos “sim” com o coração e a cabeça àquilo que nos é dado viver e aprender. Já não atentamos para mais nada: só para o que é. O resultado são várias tomadas de consciência, de coisas que devemos contemplar e sobre as quais devemos refletir. Quantas coisas se revelam à Luz de um coração ativo, de uma alma com as pola-

ridades renovadas! A força ilimitada e perfeita da verdadeira felicidade pode, por fim, tocar-nos no centro de nossa vida limitada – já não há tempo a perder! Os desejos caprichosos e os humores variáveis chegam ao fim. Em seu lugar, há uma ininterrupta e infinita consciência de ser, uma atenção absoluta voltada para a felicidade de todos.

A FELICIDADE REDESCOBERTA Não devemos buscar a felicidade absoluta no exterior, onde as miragens e os castelos no ar são apenas arremedos. A felicidade se encontra no fundo da alma humana. Ela aflui continuamente para nossa consciência, mas apenas nos damos conta disso quando nos colocamos de lado, pois a verdadeira felicidade, que é interior, é precisamente estar ausente, não se restringir, não se limitar, mas aceitar totalmente a corrente de vida que transforma e preenche de energia vital, de prana, a menor das fibras. Quando renunciamos e já não queremos desviar sua corrente para nosso próprio benefício, a vida se desdobra livremente até dar nascimento ao novo homem, ao homem alma-espírito. Embora busquemos em vão a felicidade no labirinto do mundo, ela somente pode ser reencontrada no paraíso do coração, isto é, no reino interior. É ali que se encontra o puro cristal, a pedra dos sábios, o único tesouro pelo qual, segundo o evangelho, o homem da parábola vende todos os seus bens. É “a boa medida, recalcada, sacudida, transbordante” que recebemos como um presente do céu. A felicidade perdida redescoberta! ☺



A conferência para jovens alunos, na Páscoa de 2015, em Caux, na Suíça, teve como tema “Da reencarnação à transfiguração”. Um assunto realmente interessante! Na mesa-redonda de abertura, os jovens fizeram questão de dar sua opinião a respeito do tema e de compartilhar seus pontos de vista. Um encontro verdadeiro, apropriado, incentivador, em linguagem clara e com uma mensagem clara:



“Um caminho de saída desta escuridão consiste em afastar o foco de tudo que é mau e negativo, e voltar-se para a luz. Então podemos ver que o caminho pode ser uma senda cheia de luz, alegria e profunda ligação espiritual com os outros. O que conta é o foco. Quando nos concentramos na luz, a vida se torna mais brilhante e fácil. Não se trata de uma esperança, mas sim de uma certeza, e pode crescer em cada um de nós. Em nossa vida diária, podemos nos esquecer muito facilmente disso.

[...]Volte-se para a luz e você receberá luz. Saiba que tudo é exatamente como deveria ser; e nunca se esqueça de que você não está sozinho nas lutas desta vida. Olhe ao seu redor. Você não está sozinho.”

explorar os limites para conquistar sua liberdade

Não há nada mais seguro para uma criança do que os braços plenos de afeto que a rodeiam! Mas há momentos em que a mãe precisa “deixar a criança de lado”. Ao ficar sozinha é que sua liberdade começa. A criança parece vaguear pela imensidão de seu berço. Mas ela não tarda a descobrir que tem força para chegar até a beirada, onde vai bater com a cabeça e se machucar. Isso talvez a faça lembrar das paredes do útero. Estaria em busca do conhecido, da sensação de fronteiras seguras? “Eu percebo os limites, portanto, eu sou...”

EM CASA Terminada a fase horizontal, seja ficando de costas ou de barriga para baixo, o mundo do berço se amplia para a sala de estar, depois para o corredor, a escada... É fascinante ver como a criança, plena de confiança e alegria, parte em busca da descoberta desses ambientes, engatinhando de início, depois em pé. Ela explora seus limites e os transpõe: tanto os seus como os de seus pais. A criança parece motivada pelo desejo natural de descobrir, para poder aprender e crescer. Os pais também fazem as suas descobertas e querem preservar e proteger seus filhos. “Cuidado! Não faça isso!”...

Mas onde está a confiança? Por que o medo constante de que a criança caia, se machuque ou adoça? O pediatra vai dizer: “Permitam que as crianças vivenciem essas experiências, mesmo que sejam dolorosas.”

AO AR LIVRE A família está na praia. Que dia maravilhoso de sol, construindo castelos de areia e juntando conchinhas! De repente, um susto: o pequeno sumiu! Primeiro, um olhar para os lados, um chamado... E, finalmente, o pedido de socorro ao salva-vidas. Com sua voz tranquila, ele diz: “Vamos procurar na direção contrária ao vento”. Por que isso? “Porque a resistência do vento dá à criança a sensação de segurança do limite. Se ela segue a favor do vento, tem a impressão de estar sendo levada e fica com receio de desaparecer.” E, realmente, não demora muito até a criança ser encontrada, um pouco afastada, com os pés descalços na areia, despreocupada, de frente para o vento.

NA SALA DE AULA Os bracinhos roliços e as mãozinhas ficaram mais firmes, com ossos mais enrijecidos, e se exercitam com uma delicada atividade motora. Que mudança! O moleque que fazia buracos na areia molhada com as mãos mexendo a lama de uma poça com um pedaço de madeira,



EDUCAR CONSISTE EM DAR ESPAÇO, QUANDO POSSÍVEL,
E ESTABELECEER LIMITES, QUANDO NECESSÁRIO



Jozef Israëls, Enfants de la mer (Filhos do mar), 1872, © Rijksmuseum, Amsterdã

Expirar – dar espaço para a criança explorar, cair e levantar Inspirar – colocar limites e confrontá-los

logo vai se esforçar para colorir e desenhar dentro de traços finos. O que os adultos vão dizer? Se ele for bem sucedido, será elogiado. E, contudo, quanta restrição, quanta limitação! Será que, quando crescer e virar adulto, ele terá a ousadia de sair dos caminhos batidos e pensar por si mesmo?

ENTRE OS COLEGAS Quando olha para os colegas, acha todos parecidos. Eles não sabem o que fazer com pernas e braços tão compridos; não andam direito: arrastam os pés; ao invés de se sentarem, eles se jogam na cadeira ou no chão. Mesmo que ainda sintam vontade de subir em uma árvore para construir uma casinha, decididamente já não é com isso que eles se preocupam. Eles estão teclando seus *smartphones*, onde quer que estejam. Todo mundo consegue falar com eles pelo telefone a qualquer momento, menos seus pais! Os amigos: isso é o que importa! Se por um lado estão envolvidos com as coisas que não são ditas claramente e com os códigos confusos das redes sociais, por outro lado desejam tanto conquistar a liberdade pessoal que, para chegar a ela, se revoltam contra tudo o que limita suas possibilidades de expressão. Na verdade, ficar teclando no celular pode ser apenas uma forma de afastar o caos que circula em suas mentes.

Eufóricos com a chegada da criança ao mundo, os pais querem educá-la com base na respiração. Expirar: dar espaço para poder explorar, ser excelente e brilhante, para alimentar desejos e sonhar, para cair e levantar. Inspirar: dar limites, cuidar da segurança, tornar as exigências claras por meio de repreensões e confrontações, permitir que ela se questione sobre si mesma.

COM OS PAIS Mas, na prática, os pais se dão conta do quanto isso é difícil. Eles querem preservar seu filho... De quê? Daquilo que eles têm medo? Mas o medo é desconhecido da criança, ela está (temporariamente) protegida disso. Ela está aberta para a vida. Para ela, a vida é uma grande aventura, uma viagem de exploração. Para se lançar em sua jornada, ela dispõe, como bússola, dos sentimentos e da intuição – e não da cautela ou do desejo de evitar riscos. Se ondas enormes surgem pelo caminho: “Legal! Não se preocupe, mãe. Não fique nervoso, pai: é a minha vida, me deixe correr riscos!”. Os pais continuam perplexos; poderíamos dizer que os papéis se inverteram. As inúmeras perguntas que a criança tinha antes se voltam para eles agora. E eles se questionam: onde foi parar nossa coragem para vivermos nossas escolhas? Estamos mergulhando no interior

de nosso ser para descobrir nossa mais profunda aspiração? Nós a seguimos? Não nos deixamos prender na pegajosa teia social com todas as suas obrigações e aborrecimentos? Não temos sido impelidos pelo medo, a ponto de nos rastejar? E agora: chegamos ao limite daquilo que podemos fazer? Ousamos abandonar a segurança (aparente) e arriscamos perder o controle de nossa vida? Ousamos abrir as asas, nos esquecermos de nós mesmos de vez em quando e nos entregarmos àquilo que é ilimitado?

É aí então que os pais percebem: eles respiravam por seus filhos. Eles os cobriam com suas inspirações e expirações, e também com seus limites pessoais. Naturalmente, eles expiravam também seu próprio anseio de liberdade. Nesse campo de respiração criado pelos pais, existia certa sincronia com a criança. Mesmo que isso fosse indispensável, será que não havia algo mais do que a liberdade de simplesmente respirar? Na verdade, daquilo que vem do ilimitado, inspiramos apenas o que corresponde a nosso ser; em seguida, o expiramos de forma muito restrita, sem grande convicção.

Desse modo, nossa respiração, nosso fôlego, nosso alento, estão carregados de boas intenções – e também de preocupações e temores. Mas como fazer, então, para respirar de maneira incondicional, no âmbito ilimitado de um alento inflamado por todas as possibilidades?

EM SI MESMO Chega um momento em que o jovem tem coragem suficiente para transpor, mesmo que por um instante, tudo o que consi-

derava restritivo, segundo seu modo de ver. Apesar de ainda estar ligado ao grupo de amigos, ele opta por um caminho cada vez mais pessoal: um caminho que vai de fora para dentro. Com isso, o jorro de palavras cede espaço ao silêncio emanado por um lago.

De uma forma ou de outra, parece que ele se torna cada vez mais ele mesmo. A pessoa que ele carregava secretamente em seu interior se mostra cada vez mais distinta.

EM TUDO Mais do que nunca, os pais sentem-se ligados a esse jovem ser, mas não tanto pelo vínculo sanguíneo, como pai e mãe, e sim pela alma. É que o anseio de liberdade do adolescente tornou visíveis e sensíveis os limites e restrições dos pais..

No momento em que a alma buscava um corpo, havia uma razão para ela entrar neste mundo por intermédio de dois adultos e poder respirar junto deles durante um tempo. Os pais e o filho estão envolvidos na mesma aventura, na exploração desse Outro que respira em seu interior: o Ser verdadeiro. Quando esse Ser, muito sutilmente, respira pela primeira vez e solta seu grito de *renascimento*, o que tem início é simplesmente extraordinário. O infinito começa a pulsar no coração dessa criança e ela procura dissipar continuamente o que lhe parece limitado. Assim, torna-se possível tudo criar, tudo abarcar e tudo dissolver. ✪

o ponto único

Pouco a pouco nos familiarizamos com a ideia de que a matéria não é sólida, porém energia. Para muitos isso permanece um conceito tão abstrato quanto a teoria de que a terra gravita ao redor do sol porque o vemos diariamente se elevar a leste e se pôr a oeste, como se fosse ele que girasse em torno de nós.


Da mesma forma, nossa experiência continua nos dizendo que tanto a cadeira como nosso corpo, sentado em cima dela, são sólidos. Ter nosso centro de gravidade bem localizado no espaço é algo que nos dá estabilidade. A teoria de partículas, com nomes exóticos como “quarks” e “neutrinos”, assim como a teoria das “cordas” são aproximações científicas de um mistério profundo. Sem dúvida, essa é a razão pela qual elas fazem parte do campo da pesquisa básica. Essas partículas, consideradas conceituais, não designam partículas sólidas: na verdade, podemos considerá-las uma energia luminosa, embora haja várias interpretações a esse respeito.

Fala-se também da teoria quântica e da incrível relação instantânea ou entrelaçamento entre as partículas subatômicas.

A ciência básica de nossos dias é apaixonante para quem se sente um pouco limitado pelo conceito tradicional da massa do corpo sobre uma cadeira. Se deixarmos de lado a base da ciência clássica, que considera que existe um sujeito que busca e que há um objeto a ser examinado, a Física de hoje pode propor uma visão não dual. Alguém poderia dizer que a separação está sempre presente, mas sabemos agora que as conclusões de experiências dependem do ponto de vista de

a causa sem causa





quem faz a experiência.

O objeto observado pode apresentar-se ora sob a forma de partículas ora como energia luminosa: os dois aspectos não podem ser visto ao mesmo tempo. O mistério nos arrasta ainda mais longe, rumo ao desconhecido: realmente, verificamos que o observador determina e influencia a observação. Nesse caso, será que a observação propriamente dita continua existindo? E, se efetivamente houver observação, onde ela acontece? Por outro lado, a consequência prática da ausência de observação poderia ser aceita por nós? O que apresentaremos em seguida talvez possa ajudar-nos nesse nosso artigo tão intrigante.

SEM MASSA E SEM ESPAÇO Na medida do possível, imaginemos o vazio – não somente um vácuo no interior de um espaço, mas sim como o *Ungrund** dos místicos: ou seja, aquilo sem fundo, sem base, sem fundamento, sem causa. Digamos que ele seria um nada em torno de um centro imaginário, sem massa, e, portanto, não está sujeito nem à gravidade, nem à inércia, nem às limitações da velocidade da luz que conhecemos em nosso universo espaço-temporal. Esse algo indeterminado pode deslocar-se a uma velocidade infinita sem violar nenhuma lei da Física. Isso significa que

O vazio é forma, a forma é vazia

pode ser e estar simultaneamente em toda parte e em parte alguma!

Além disso, nessa concepção, nosso corpo, ou um prato, que parecem ser constituídos por um número imenso de partículas que tomaram forma, não passa de uma única partícula deslocando-se em uma velocidade tão vertiginosa que poderíamos dizer que ela reaparece continuamente ao lado dela mesma.

Em resumo: aparentemente, tudo parece ser constituído de várias partículas, mas, na realidade, há apenas uma – a partícula fundamental, que percorre um caminho geométrico sagrado através de um vácuo sem espaço nem tempo. É nela que todos os fenômenos do passado, do presente e do futuro acontecem uns dentro dos outros e surgem no mesmo instante atemporal. E isso vale dizer que todos os átomos que compõem nosso corpo, assim como os átomos da Terra e dos astros do Universo, manifestam-se graças a uma única partícula, que é idêntica a si mesma.

Esse algo ou essa “não partícula” é a força de vida que gera o que deve vir a ser. Ele não tem passado, nem futuro, nem é limitado por um espaço preciso. A criação, em cada momento aparente, renova-se. Assim, a cada instante tudo o que foi criado é recriado.

A FONTE INSONDÁVEL É bem possível que, ao ler isto, tenhamos uma reação de espanto ou incredulidade, mesmo apesar de termos passado algo mais nas entrelinhas. E então: será que precisaremos mergulhar no nosso mental para tentar enxergar mais claro? Como este artigo poderá iluminar-nos?

Deixemos que a ideia dessa partícula nos penetre, mas sem querermos capturá-la – a ideia dessa partícula que é apenas uma. Desse modo, colocamos de lado nossos companheiros que são o mental e o sentimental. Afinal, aqui a inteligência das palavras e das imagens não nos deixa seguir adiante. Em compensação, descobrimos nas entrelinhas e em alguns termos utilizados que não é a personalidade que é primordial, mas sim esse algo sem massa, essa “não partícula” intangível que é nosso insondável ser essencial! Coloquemo-nos por um instante nesse Ser para imaginar que os fenômenos, ao invés de serem gerados por algo, não são gerados por nada.

Na verdade, como objetos, todas as coisas não passam de um fenômeno aparente.

Essa partícula que não é partícula, como uma fonte de criatividade em potencial, cria tudo em um único instante. Ora, se a fonte é a origem de tudo que se manifesta e de tudo que virá, isso também é válido para personalidade espaço-temporal.

Porém a fonte permanece sempre, no exterior, a causa sem causa.

Portanto, é apenas aparentemente que o tempo e o espaço surgem no interior do Absoluto e, assim, se ligam ao nosso eu e à nossa vida pessoal. A vivência desse algo que nos parece sempre novo na linha imaginária do tempo vem do fato de nosso eu não estar preparado para situar-se na atemporalidade de nosso ser essencial, que é eternamente novo. A razão lógica pode tomar conhecimento de tudo isso como se fosse uma teoria – mais uma! – mas sem captar-lhe a essência.

Por mais lógica que seja, uma teoria sempre será

uma teoria. Por outro lado, a consciência racional suporta apenas algumas adaptações mínimas e apenas pode vivenciar o sempre novo como uma experiência linear – portanto, como tempo – sem realmente captar-lhe a imediaticidade.

UM UNIVERSO OSCILANTE Descobrimos, por exemplo, a concepção bem antiga do universo oscilante, segundo a qual ele e tudo o que ele contém desaparecem e aparecem a todo instante. Os sufis Shabestari e Ibn ‘Arabi falam a respeito disso; e Jami, em seu *Tratado sobre o sufismo*, diz o seguinte: “Este universo está sempre se renovando a cada instante, a cada respiração. A cada momento um universo deixa de existir, e outro parecido com ele toma o seu lugar – mas os homens, em sua maioria, não conseguem perceber isso. A rapidez desses fenômenos sucessivos engana o observador e o faz acreditar que o Universo tem uma existência permanente”.

As ondas e o oceano são inseparavelmente um. É Shabestari quem nos diz: “A eternidade e a temporalidade não são coisas separadas; um rochedo que cai no oceano produz ondas; o relativo surge do absoluto e volta novamente a ele. De modo semelhante, vemos as três letras A-U-M como a criação, a manutenção e a dissolução no oceano infinito”.

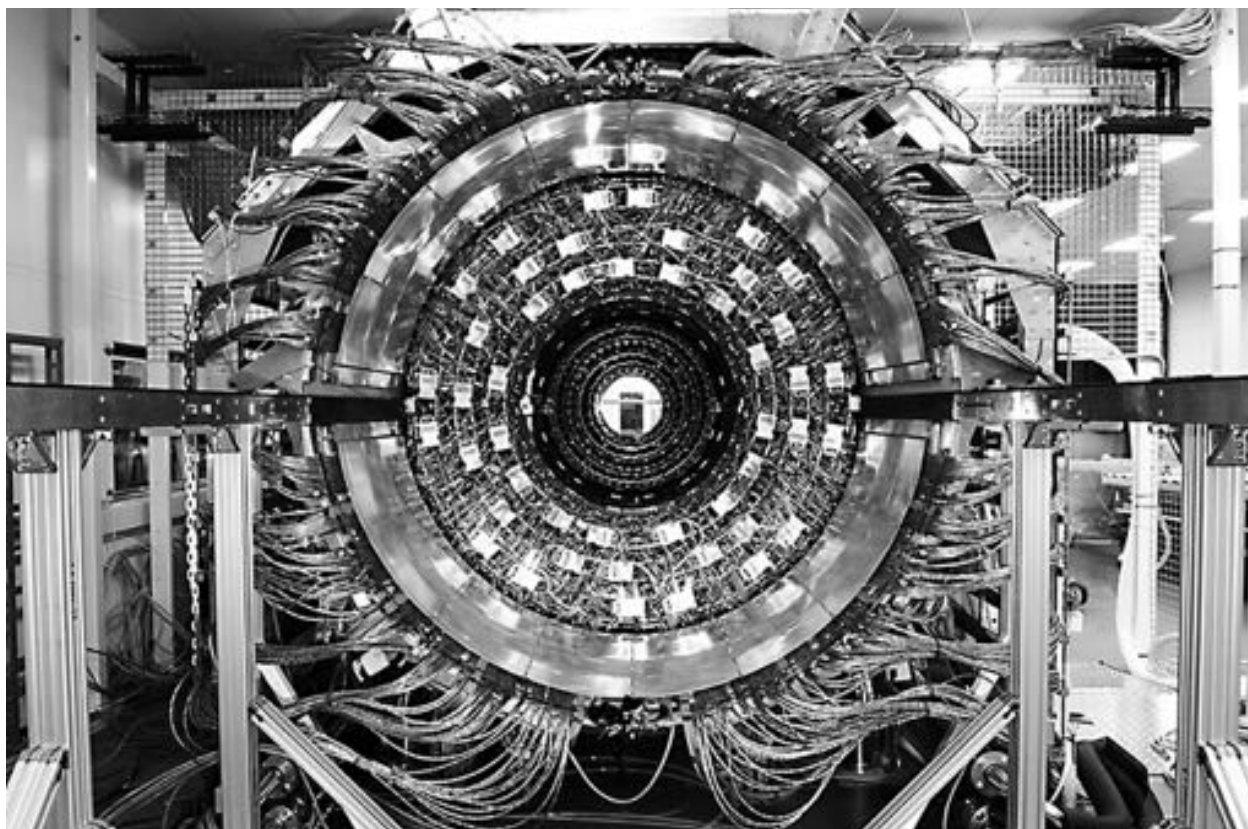
Na tradição cristã o mesmo é dito da seguinte forma: “De mim – por mim – rumo a mim”.

SIMPLICIDADE O divino surge em uma multiplicidade infinita, mas sem ser complexo – somente há o aqui e agora, e somente o Um tem neces-

sidade de ser. Hermes define o Um como “um círculo sem circunferência, cujo centro está em toda parte”.

Como um centro determinado diz respeito a uma circunferência – e portanto a uma limitação – Hermes está falando sobre ubiquidade. Esse ponto, ou esse centro, está no centro de todas as coisas e é sua essência. Esse Um incognoscível é a fonte de toda a vida. Ele é o Ser, ele é Deus. O ser humano também é Isso, que é nosso ser mais profundo. Porém, como nossa racionalidade comum vivencia essa profundidade como um vazio, o vácuo de um abismo profundo, ela recua. Mas o que pode ser sentido de início como medo poderá dissolver-se na alegria, no amor pela vida que jorra sem parar da fonte insondável. Esse medo parece uma cãibra paralisante, que nos faz manter distância a fim de manter tudo sob controle, até mesmo com certo sentimento de aversão.

Resultado: essa separação que sentimos entre “minha vida e eu”. A vida, tão próxima, já não pode ser percebida como real por causa dessa separação. Por outro lado, por meio de homens completamente realizados, a vida que jorra das profundezas é a força que traz em si, amorosamente, tudo o que se manifesta. A tradição esotérica diz que do AUM procedem sete correntes de raios criadores originais que se desdobram na criação de acordo com uma regra áurea. É o que nos permite falar de um caminho geométrico sagrado percorrido por essa “não partícula”. Também poderíamos imaginar esse caminho como o anel de um campo toroidal no qual tudo o que surge do turbilhão central volta a ele. Também



O interior do acelerador de partículas do CERN (Conseil Européen pour la Recherche Nucleaire – Conselho Europeu para a Pesquisa Nuclear), em Genebra, na Suíça (CH)

poderíamos falar do coração pulsante de Deus.

“DEUS QUER A EXISTÊNCIA E ELE É A EXISTÊNCIA”
Sobre essa afirmação Hermes diz que é preferível afirmar que Deus “não tem todas as criaturas em si, senão que em verdade Ele mesmo é todas elas! Porque Ele não as acrescenta em si mesmo de fora, porém as gera de seu próprio ser e as manifesta em si mesmo. E eis agora a percepção e a atividade do pensar de Deus: a movimentação ininterrupta do Todo; e nunca haverá um tempo em que algo do que existe (isto é, que faz parte de Deus), se perca. Porque Deus tudo mantém encerrado em si, nada há fora dele, e Ele está em tudo” (Corpus Hermeticum, décimo primeiro livro, versos 23–24, em *A Arquignosis Egípcia 3*, com

análise de J. van Rijckenborgh, *Lectorium Rosicrucianum*, São Paulo, 1989, 1.^a ed, p. 52).

Em resumo: Hermes também nos ensina que a fonte não é algo do qual outra coisa pudesse proceder, nem no interior da qual algo apareceria, pois nesse caso toda a existência não passaria de dualidade, à qual a consciência racional tanto gostaria de reduzi-la.

A PARTÍCULA-EU Em meio a tudo isso, a personalidade, com sua consciência racional, comporta-se como uma partícula separada, mesmo não o sendo. O que vemos de tudo isso não passa de um jogo inconsciente de uma partícula-eu caricatural. Cada pessoa é bastante única. Aparentemente, o “nada” torna-se “algo”, em uma

O universo surge como a dança proveniente do coração de Shiva, quando ele recolhe a dança em seu coração, o universo desaparece

pluralidade de pessoas, escravas desse “algo”, o que vem a ser uma corrupção muito pessoal da qual cada um de nós pode livrar-se. Portanto, não podemos responsabilizar uma suposta unidade por nossas projeções sobre esse “algo”. Então, como poderemos imaginar o fenômeno do eu em um contexto mais amplo? Sobre isso, Hermes afirma: “o mundo é a primeira criação; após o mundo, o homem é o segundo ser vivente, porém o primeiro entre os mortais. Com os outros seres viventes, ele tem o elemento animado em comum” (*Corpus Hermeticum*, décimo segundo livro, verso 35, *ibidem*, p. 137).

No verso 65, Hermes fala a respeito da comunidade das almas, dos deuses, dos homens e das entidades desprovidas de razão. Para resumir, poderíamos dizer que há dois fenômenos (ou manifestações) que são animados: a natureza e o homem. Cada grupo de fenômenos da natureza tem uma alma central ou “alma grupal”. Quanto ao homem, ele é provido de uma alma individual. Para voltarmos à partícula do início, digamos que ela gera uma centelha que dela se separa, ao mesmo tempo em que é e continua sendo indissolúvelmente essa partícula em si mesma. Portanto, a partícula cinde-se na aparência e torna-se plural: ela torna-se o gênero humano no qual cada um dispõe de sua própria parcela da centelha original. Assim, cada homem, como potencial divino de

criação, é imortal segundo seu ser essencial interior. Essa centelha acende o fogo da consciência. Dizer que a partícula é o eu absoluto incognoscível é também dizer que o fogo da consciência é o “eu sou”. A esse propósito, na tradição do cristianismo interior, trata-se da alma-espírito, do Filho e do Pai.

A ENERGIA DAS PARTÍCULAS Quando a centelha é inflamada e se torna um fogo da consciência, é inflamado um fogo da alma que anima a personalidade. Seguindo nosso pensamento, consideramos esse fogo a energia de uma partícula na qual a regra áurea evocada anteriormente conduz o todo à manifestação. Vejamos aí o Espírito renovador, pois ele provém da imediaticidade. A tradição fala dele como Espírito santificador. Quando Cristo diz: “Eis que faço novas todas as coisas”, ele convida cada um a acolher esse Espírito e se tornar imediatamente consciente no novo. Esse Espírito se revela em homem perfeito, ou seja, em homem no qual ele pode tremeluzir nos três níveis: espírito, alma e corpo. Esse espírito é o Ser “que caminha”, a Vida realmente vivente. Em uma alma que se identifica com a personalidade, o fogo da consciência já não pode iluminar a alma diretamente; a natureza se incumba de mantê-lo animado. É em tal personalidade que desenvolvemos uma consciência racional, que nos dá uma

imagem limitada do mundo.

Eis por que, no aparente isolamento de uma partícula-eu, com base na vivência desse eu, surge uma angústia inconsciente sobre o que está realmente vivo dentro dela.

A vivência do mundo não é uma questão pessoal: ela é universal! Na consciência pura, os objetos entram sem nenhum condicionamento e mantêm sua qualidade. A experiência e o objeto mantêm uma abertura; portanto, eles não são determinados pelo mental: são sempre novos, são uma só manifestação na imediaticidade. Portanto, não é a personalidade, mas sim a pura consciência que cuida de tudo.

Há uma consciência única e, ao mesmo tempo, a vivência do mundo! Isso nos permite compreender que não há uma inteligência que dirigiria tudo do exterior, mas sim uma inteligência que está presente em tudo. A Física atual afirma o seguinte: “energia é inteligência, e inteligência é energia”. Isso atrai nossa atenção para o fato de que corpo e alma são capazes de autorregular-se e de autocurar-se, e nós podemos confiar neles!

A UNIDADE INEVITÁVEL Como todas as partículas estão inseridas umas nas outras, a unidade não tem absolutamente a aparência de uma coleção. Isso também vale para a humanidade, que é, somente na aparência, uma coleção de partículas divinas. Mesmo quando a consciência racional pensa que há dois mundos – o seu e o outro, o mundo divino – e quando ela projeta ou imagina uma pluralidade de mundos, isso somente acontece em uma manifestação. E também, em um

sentido absoluto, a concepção dos mundos paralelos ou “matrizes” não é adequada.

Do ponto de vista da personalidade, o estado de separação no espaço-tempo é uma realidade de fato; mas, do ponto de vista do Absoluto, não é. Se não enxergamos todos os corpos celestes, é porque somente percebemos as coisas no interior de determinada dimensão; porque estamos ligados àquilo de que temos consciência, por uma espécie de relação íntima, como a de uma família. Mas não deixemos que a lógica racional e a crença em um discurso nos façam de reféns. Reflitamos: se o nada já não está velado, onde está o paradoxo? Onde devemos situar o pensamento de sermos um eu isolado? Onde está a energia virginal? Sem distinção, a essência sempre gera a vida – e vida é amor. A essência está sempre reunindo o que está aparentemente separado. Ora, como a união das coisas, no estado de unicidade, é uma impossibilidade, fica claro que a partícula indeterminada é, em tudo, o Eu absoluto. Da mesma forma, a imagem utilizada anteriormente (“voltar a si”) não passa de uma imagem, pois a quem eu poderia voltar? Eu mesmo voltaria a mim mesmo? O absoluto e o manifestado estão unidos por uma dança amorosa que ultrapassa nossa capacidade de compreensão, pois não há duas partes que se amam: há tão somente o amor. ☸

*Ungrund: Sem-fundo. Mestre Eckhart (1260–1328) refere-se ao Grund ohne Grund: literalmente a “causa-sem-causa”. Baseado nesse conceito, Jacob Boehme (1575–1624) utiliza o termo Ungrund. Segundo ele, “O Ungrund é um eterno nada”, “o sem princípio nem fim”, que caracteriza Deus. Em alemão Ungrund significa “sem fundo, sem base, sem fundamento, sem causa”.



Citação de um serviço templário em Caux: “A palavra ‘Sünde’, ‘pecado’, é derivada da palavra ‘Sunta’, do alemão antigo, que quer dizer ‘ser falso, negar’. Na verdade, há apenas um pecado – afastar-se da Luz”.

Os serviços foram diferenciados, elaborados com clareza, bem coordenados e destinados a jovens. Vários tipos de realidade foram descritos. Por exemplo: duas pessoas podem estar no mesmo comprimento de onda e ter pensamentos iguais simultaneamente, pois a separação não constitui barreira alguma quando se trata de unidade. Com certeza não há separação em relação a Deus, pois Ele está sempre em você. Assim como os jovens aprendem desde cedo: “O Reino da Divina Luz está no imo em vós!” (Hino Templário da Mocidade 44).

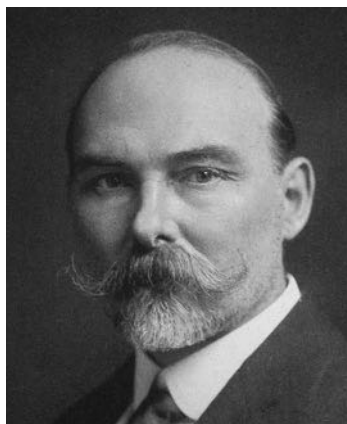
a redescoberta da gnosis V (final)

Quando o livro *Ecos da Gnosis* foi publicado em holandês, realizou-se uma palestra pública, em 6 de novembro de 2013, na livraria Pentagrama de Haarlem, na Holanda, com o título: “Por que George Robert Stowe Mead pode ser chamado de ‘o primeiro gnóstico moderno’”. A seguir, exporemos a quinta e última parte dessa palestra que traçou brevemente a história do acolhimento que a Gnosis recebeu no Ocidente, nos mundos científico, intelectual e esotérico.

Para realmente termos acesso à rica diversidade das inúmeras correntes dos mistérios do início de nossa era, Mead criou sua chave de compreensão a partir da lucidez de sua visão pessoal, inteiramente impregnada por seu trabalho pioneiro como teósofo. Contrariamente a tudo o que surgiu no trabalho dos especialistas realizado anteriormente, Mead soube conservar uma visão de conjunto a respeito dessas correntes tão diversas. Ele estava preparado para fazer a ligação entre elas porque ele via como tudo se ajustava em um sublime plano de libertação para resgatar o ser humano perdido neste mundo, em busca da verdade sobre suas origens, sua existência e suas possibilidades de desenvolvimento. Mead estava apto a compreender, a partir do interior, como todos esses aspectos dessemelhantes formavam as facetas de um único caminho iniciático e não um caos de sincretismo que só serviria para obscurecer a verdade. De acordo com ele, não poderia haver divergências fundamentais entre textos herméticos e neoplatônicos, entre os mistérios órficos e mitríacos e os oráculos da Caldeia, entre as mensagens evangélicas dos ebionitas e os textos mandaicos, entre o modo de vida dos essênios e o dos maniqueus, entre as cosmologias dos setianos e dos ofitas e do ponto de vista de Hermes. Exatamente onde outros pesquisadores fracassaram na complexidade das origens e procuraram em vão as relações de causa e efeito e as influências recíprocas entre as diversas correntes gnósticas, ele percebeu uma grande corrente subterrânea, gnóstica, subjacente. Não havia qualquer uniformidade no cristianismo original, pois este provi-

nha de uma fusão de tendências complementares, tanto cristãs como não cristãs, de grupos entre os quais não havia qualquer barreira. Explica-se: foi somente mais tarde que a Igreja de Roma impôs seu poder tanto sobre a Gnosis pagã quanto sobre a Gnosis cristã. A destruição da biblioteca de Alexandria e a proibição da livre circulação de textos considerados heréticos foram perfeitamente convenientes para a estratégia da Igreja de Roma para impor silêncio a todas as opiniões dissidentes.

A GNOSIS AUTÊNTICA É TEOSÓFICA No entanto, Mead foi um dos primeiros entre os primeiros a libertar o gnosticismo de toda e qualquer estigma de heresia identificando sua originalidade característica. Ele pode fazer isso porque ele próprio havia conseguido escapar do domínio eclesiástico para se dedicar ao verdadeiro cristianismo. Em uma declaração de princípios registrada no livro *The task of Theosophy* (A missão da Teosofia), Mead afirma que os gnósticos formaram “as primeiras escolas iniciáticas dos verdadeiros cristãos, o que é compreensível para o teósofo que aceita familiarizar-se pacientemente com sua terminologia, pois a verdadeira Gnosis é Teosofia!”. Além disso, Mead foi bastante corajoso ao seguir contra a corrente das ideias de seu tempo. Nessa época, em 1924, Walter Scott escreve sua tradução de *Hermética*, onde compartilha a opinião de que o hermetismo não deveria, de modo algum, ter qualquer relação com uma história egípcia anterior, pois ele questionava “... se, no hermetismo, há algo que seja derivado de uma religião egípcia original”, e afirmava: “No início dos ensinamen-



GEORGE STOWE MEAD, O PRIMEIRO GNÓSTICO MODERNO

tos bem definidos não há quase nada e, proporcionalmente, o que vem do Egito é mínimo na doutrina hermética, pois o essencial foi tomado de empréstimo da filosofia grega²”.

Ora, nós sabemos que essa opinião é baseada em teses anteriores de Isaac Casaubon, o estudioso londrino que, sem mais nem menos, rejeitou a tese da antiguidade real do hermetismo considerando-o uma falsificação tardia – e, desse modo, jogando o jogo dos interesses da Igreja.

Durante o glorioso período do reinado de Elisabeth I, caracterizado por grande desenvolvimento do pensamento hermético, a Igreja quis erradicar essa época da memória. Portanto, não devemos nos espantar com o fato de que Scott nem sequer tenha feito menção à magnífica tradução de Mead datada de 1906.

Mead não compartilhava da opinião de Casaubon quanto a um hermetismo exclusivamente proveniente do neoplatonismo. Para ele, o hermetismo baseava-se em uma antiga tradição egípcia; e essa opinião desafiava a tese de Casaubon. De acordo com Mead, “quanto mais estudamos o que há de melhor nessas exortações místicas – e fazendo o máximo possível para não ter nenhum preconceito –, num esforço sincero para partilhar do sentimento dos autores, mais conseguimos nos aproximar da consciência de estarmos no limiar daquilo que supomos ter sido o verdadeiro *adytum*³ (o local mais sagrado, interdito ao público), do que há de mais sublime nos mistérios da Antiguidade. São inúmeras as referências à grandeza e ao caráter imensurável do que existe para além desse limiar. Entre muitas ideias admiráveis, há uma

perspectiva da chave que dá acesso à sabedoria egípcia, a explicação da manifestação à luz de uma concepção límpida do cosmo. (...) Esses mistérios são de uma força e de uma beleza que até mesmo a mais vergonhosa falsificação dos textos por desconhecidos não pode fazer desaparecer completamente. Mesmo quando – e esse é um modo de falar – eles se apresentam em fragmentos, quando sua veste original era certamente magnífica, os textos sempre podem ser reconhecidos por aqueles que têm olhos para ver e ouvidos para ouvir⁴.”

O SIGNIFICADO DA GNOSIS De qualquer modo, o trabalho de Mead acabou sendo reconhecido e é graças às suas traduções que podemos constatar o quanto esses textos são incrivelmente modernos, concretos e quantas coisas nos dizem. Por isso não é de espantar que J. van Rijckenborgh tenha utilizado tanto as traduções de Mead e ao seguir seus rastros tenha se sentido autorizado a falar a respeito da “Gnosis egípcia original e seu chamado no eterno presente”.

Se houve um pesquisador, tradutor e analista que compreendeu o significado da Gnosis exatamente como Quispel descreve esse sentir –, realmente essa pessoa foi George Mead que, com suas obras, trouxe luz à herança completa do pensamento gnóstico e hermético e a colocou à disposição de todos os que viriam depois dele. Essas obras são: *Thrice greatest Hermes* (Hermes, o três vezes grande), *Fragments of a Faith forgotten* (Fragmentos de uma fé esquecida), e, principalmente *Echo's from the Gnosis* (Ecos da Gnosis), e também a

Como para ele a Gnosis não pertencia a um passado longínquo, ele atualizou essa sabedoria dos mistérios para todos os que sentem afinidade com ela

magnífica tradução do *Evangelho da Pistis Sophia*. Mead realmente conseguiu abrir, para os verdadeiros buscadores, os “iniciados”, os selos da câmara do tesouro da Luz, onde a antiga sabedoria dos mistérios esperava sua descoberta há tanto tempo. Ele pode fazer isso porque havia percebido que os documentos gnósticos e herméticos foram escritos em linguagem iniciática dirigida a “estrangeiros” e “que somente poderia ser desvelada por aqueles que fossem dignos dela”.

Como Mead era capaz de ler essa linguagem, pode aprofundar-se e traduzir esses textos sem ser barrado pelas fronteiras do espaço e do tempo que nos separam delas. Ao mesmo tempo, seu modo de traduzir aproximou essa linguagem da experiência atual de cada um de nós. Ao contrário dos eruditos e cientistas que, antes dele, a consideravam algo distante das pessoas, distante dos “profanos”, para ele a Gnosis não pertencia a um passado longínquo, encerrado no interior de uma língua morta. Por isso Mead atualizou essa sabedoria dos mistérios e tornou-a positivamente legível para todos que sentem alguma afinidade com ela e podem abrir-lhe o coração. Assim, ele não somente conseguiu oferecer uma visão límpida e compreensível dos textos-fonte como também deu sua própria expressão, fluida, cintilante, despojada, impregnada de gnosticismo. Quem ler ou reler os dois tomos de *Ecos da Gno-*

sis poderá constatar que é um texto sempre novo e atual. Quem poderia se arriscar a dizer que esses textos sejam desatualizados embora tenham sido escritos há mais de um século?

PARA COMUNS MORTAIS A partir de Mead, é óbvio que houve uma guinada. Se H.P. Blavatsky foi a primeira a mencionar a tradição gnóstica a um público mais amplo, Mead, por sua vez, trouxe uma mensagem impregnada de gnosticismo. Ele não se limitou a reconhecer o caráter teosófico da verdadeira Gnosis: graças a ele, a visão teosófica foi elevada à altura de sabedoria gnóstica autêntica.

Para confirmar o que afirmamos, vamos citá-lo mais uma vez quanto à sua definição do objetivo sobre o qual toda a sua vida espiritual giraria. “A meta buscada pelo místico honesto era a de fazer nascer seu próprio corpo cósmico autêntico e, portanto, tornar-se um deus. Em outras palavras, a meta seria a regeneração de si mesmo, passando pela indispensável experiência prévia da travessia de todos os estágios da cosmogênese em sua própria natureza. (...) Hoje, assistimos a um renascimento da consciência cósmica. Isso não tem nada de novo: trata-se do velho, do antigo segredo. Para ter uma consciência cósmica, para estar em contato com a grande Alma do Todo, é preciso que o ser humano gere em si mesmo

um organismo cósmico – e, assim, aos poucos, ele permite que o Homem-Deus nasça integrando-se ao poder do pensamento divino”.

O PRIMEIRO GNÓSTICO MODERNO Isso mostra como Mead, como um gnóstico contemporâneo, estava preparado para lançar uma ponte entre a antiga e a nova sabedoria dos mistérios. Ele tornou a sabedoria antiga acessível ao ser humano gnóstico atual. Isso somente foi possível porque ele próprio era um iniciado que estava aplicando os preceitos antigos em seu próprio discipulado. Se é verdade que ele sempre encontrava as palavras exatas e atuais, também é verdade que, para ele, era importante, antes de tudo, de não se apegar a elas. É por essa única razão, e somente por ela, que é absolutamente justificável que G.R.S. Mead seja chamado de “o primeiro gnóstico moderno”. Como ele ficaria feliz em saber que, apenas pouco mais de dez anos depois de sua morte, as areias egípcias iriam ainda liberar muitos segredos mais, que permitiram à Gnosis caminhar diretamente para o triunfo! Além disso, pouco tempo depois, uma nova escola de mistério estava se preparando para se manifestar – uma escola na qual toda essa herança iria tomar vida, em um grupo que traçaria em comum um caminho gnóstico libertador atual.

No interior desse círculo, todo o trabalho de Mead iria verdadeiramente ser colocado a serviço de uma maneira concreta nos comentários de J. van Rijckenborgh sobre o *Evangelho da Pistis Sophia* e nos textos de Hermes Trismegisto. Para concluir, não seria completamente justificá-

vel fazermos ressoar, com força, precisamente nesta assembleia, os *Ecos da Gnosis*? Agora que a ironia da História quis que fossem desenterradas das areias poeirentas onde elas jaziam, esquecidas, mesmo depois das descobertas de Nag Hammadi?



Nota:

1. *Lúcifer* N° 8, pp. 477-480

2. *Hermética*, p. 34; 41

3. O *adytum* representa a “porta da libertação”:

“E essa rosa, como um coração renovado,

manifesta em toda a sua beleza

o mistério do *adytum*,

o mistério do sacrário do coração”.

Rijckenborgh, J. v e Petri, C. O mistério do ádito. In *O Caminho Universal*. São Paulo: Lectorium Rosicrucianum, 1984, p. 27-34.

4. “*Revista Teosófica*”, pp. 233-242

limites



our colors change when
we
unite!

Ultrapassar os limites, as fronteiras, os extremos: esse é o desafio, quer seja no esporte, na aeronáutica, na ciência (médica, por exemplo), na tecnologia ou na nuvem virtual. A vida é assim; esse é o jogo. A existência terrestre está submetida à lei dos opostos: ela é uma escola de aprendizagem, porém o homem tem o espírito lento.

Ele está apenas começando a perceber, ganhando a consciência de que, na matéria, as possibilidades são limitadas. Agora, quase tarde demais, o homem sonha com uma exploração sustentável das matérias-primas, e está se esforçando para reduzir as emissões de Co2 e desacelerar o aquecimento global. Finalmente está nascendo dentro dele a compreensão de que existem limites para o crescimento. Como já afirmava Lao Tse há três mil anos: o maior erro é ignorar que o excesso é o excesso. Alguns economistas atuais defendem uma economia sóbria. No entanto, a tendência é que os interesses a curto prazo prevaleçam. Será que essa visão ainda pode ser revertida?

Aí estão alguns limites práticos da ecologia mundial com os quais a humanidade está se confron-

tando hoje em dia. Mas o problema fundamental não seriam as fronteiras propriamente ditas?

FRONTEIRAS TERRESTRES Quando consideramos a história da origem das fronteiras entre os países, inevitavelmente falamos em guerras, assim como explica Karen Armstrong em seu livro *Em nome de Deus – religião e violência*. Na época dos caçadores, as fronteiras não tinham grande importância. Com a descoberta da agricultura, cerca de nove mil anos a.C., uma mudança decisiva ocorreu na vida das comunidades. No Oriente Médio, os homens aprenderam a cultivar e preservar sementes silvestres. Nos tempos de Jericó, os armazéns de alimentos exerciam uma atração magnética sobre os nômades famintos que assim povoavam regiões áridas. A guerra se impôs então para defender as fronteiras e, mais

tarde, para conquistar matérias-primas. As populações se organizaram, elites foram formadas e se ampararam com excedente de produção. Nesse remoto período da modernidade, economia e religião estavam intimamente ligadas. Quando a elite no poder aderiu a uma tradição ética como o budismo, o cristianismo ou islamismo, os religiosos simplesmente adaptavam suas ideologias de modo que elas pudessem legitimar a violência estrutural do Estado. É o mesmo fenômeno que podemos observar ainda hoje. A guerra e a luta pela sobrevivência são partes integrantes da existência terrena. É a vida, é o jogo das fronteiras, é a maneira de o ser humano agir na matéria em concordância com suas leis, como a de “devorar ou ser devorado.”

AUTO-CONSERVAÇÃO VERSUS EMPATIA Karen Armstrong também explica que o cérebro mais antigo – o cérebro reptiliano – é o responsável pela auto-preservação, para a qual todos os meios são bons. O segundo cérebro, que posteriormente deu origem ao sistema límbico, tornou o homem capaz de amar e de sentir afeição por outras criaturas. Assim desenvolveu-se a preciosa faculdade da empatia. Há cerca de 20 mil anos – durante o período Paleolítico – o neocórtex ou terceiro cérebro se desenvolveu. Ele é a sede do nosso poder do pensamento ou faculdade do pensamento, e de nossa auto-consciência, a consciência do eu, que nos permitem ter distanciamento das nossas emoções primitivas, instintivas. A conclusão de K. Armstrong é a seguinte: “Globalmente, o homem tornou-se o que ele é atualmente, sujeito aos impulsos contraditórios dos três cérebros separados. O nosso neocórtex nos torna intensamente conscientes da tragédia e da natureza enigmática da nossa existência.”

O TORNAR-SE CONSCIENTE Durante a evolução, o ser humano adquiriu possibilidades grandiosas de consciência. Estamos no ponto em que a

consciência humana deve ser desenvolvida. Alguns pensadores, alegando que tudo faz parte de um grande plano, nos colocam perante a visão de um contexto evolutivo. Atualmente estamos diante do seguinte passo: o homem vai dispôr de um novo órgão e vai se revestir de um novo estrato de consciência cujo principal atributo será a alma. Agora que já experimentamos suficientemente os limites da matéria, que não nos oferece nenhuma saída, vamos começar a compreender que essa nova forma de consciência pode gerar a onipresença que inclui o amor absoluto por tudo e por todos. Essa consciência nos permite ultrapassar as limitações e contingências da matéria; graças a ela o homem pode alcançar a liberdade. Nesse novo estrato de consciência, as leis da matéria já não são determinantes, pois ele sugere outros princípios, que dizem respeito a uma ordem superior e exigem uma não-combatitividade total, muito difícil de conciliar com nosso mundo tão limitado por oposições sem fim. Para isso, o ser humano é solicitado a apresentar certa conduta, um modo de vida que se tornou possível porque ele é inspirado por outra dimensão, que o alimenta.

Falamos de uma atmosfera de ordem espiritual, muitas vezes chamada de esfera crística. Se conseguirmos manter nossa consciência orientada para essa esfera de bondade, de amor e de unidade, é absolutamente certo que outras leis se estabelecerão.

Qual é então essa liberdade que não conhece nenhum limite? O ilimitado começaria aí? Sejamos claros: a verdadeira liberdade só existe na interação perfeita com toda vida, graças ao “sim” espontaneamente consentido em tudo o que diz respeito ao desenvolvimento harmonioso do plano interior previsto para o homem. ☸

o panteísmo superior

O sol, a lua, as estrelas,
os mares, as colinas e planícies
Não são, ó alma,
a visão daquele que reina?

E a visão não é ele,
Aquele que não é o que aparenta ser?

Sonhos são verdadeiros enquanto duram;
e não vivemos sonhando?

Terra, estas sólidas estrelas, este peso do
corpo
e dos membros,
não são o sinal e o símbolo
de tua separação dele?

Sombrio é o mundo para ti;
tu mesma és a razão dessa escuridão.

Pois não é ele tudo, exceto tu,
que tens o poder de sentir “eu sou eu”?

Glória sobre ti, sem ti;
e cumpres tua desgraça,
Fazendo dele um raio fragmentado,
esplendor sufocado e escuridão.

Fala com ele, pois ele escuta, e Espírito
com Espírito podem se encontrar
Ele está mais perto de ti
que tua respiração,
mais próximo que mãos e pés.

Deus é lei, diz o sábio;
Ó Alma, rejubilemos,
Pois se ele troveja através da lei,
o trovão é a sua voz.

A lei é Deus, dizem alguns;
não há nenhum Deus, diz o louco,
Pois tudo o que conseguimos ver.



Alfred, Lord Tennyson
com sua família, aprox. 1865



é o corpo reto que dentro d'água fica torto;
E o ouvido do homem não consegue ouvir,
e o olho do homem não consegue ver.

Mas se pudéssemos ver e ouvir,
essa visão
não seria ele?



**The Higher Pantheism. Poesia do
The Holy Grail and Other Poems
Alfred, Lord Tennyson.
Londres: Strahan, 1870**

*The sun, the moon, the stars, the seas, the hills
and the plains,-
Are not these, O Soul, the Vision of Him who
reigns?
Is not the Vision He, tho' He be not that which He
seems?
Dreams are true while they last, and do we not live
in dreams?
Earth, these solid stars, this weight of body and limb,
Are they not sign and symbol of thy division from
Him?
Dark is the world to thee; thyself art the reason why,
For is He not all but thou, that hast power to feel "I
am I"?
Glory about thee, without thee; and thou fulfillst thy
doom,
Making Him broken gleams and a stifled splendour
and gloom.
Speak to Him, thou, for He hears, and Spirit with
Spirit can meet-
Closer is He than breathing, and nearer than hands
and feet.
God is law, say the wise; O soul, and let us rejoice,
For if He thunder by law the thunder is yet His
voice.
Law is God, say some; no God at all, says the fool,
For all we have power to see is a straight staff bent
in a pool;
And the ear of man cannot hear, and the eye of man
cannot see;
But if we could see and hear, this Vision-were it not
He?*

defender a verdade até a morte

A data do nascimento do protestantismo não é, na verdade, 31 de outubro de 1517, dia em que Lutero afixou suas teses na porta da igreja do Castelo de Wittenberg, mas sim 6 de julho de 1415 – 600 anos antes, portanto – dia em que Hus morreu na fogueira. O tenso Concílio de Constança (1414 – 1418) ocorreu com a finalidade de estabelecer

Jan Hus (1369 – 1415) foi um pregador carismático e popular que, a partir de 1402, frequentemente atuava duas vezes por dia na famosa capela de Belém, no coração de Praga. Segundo testemunhas oculares, ele exercia uma influência magnética sobre o público. Sabia conquistar os corações dos ouvintes porque pregava, de modo consequente, no idioma tcheco. Centenas de fiéis reuniam-se diariamente na capela de Belém – entre eles, a esposa do rei Wenceslau: a rainha Sofia, para quem foi construído um auditório particular na igreja, com passagem separada, para que ela não precisasse sentar-se em meio ao povo. Hus foi também seu confessor pessoal.

O interesse da soberana não impede Hus de – além de fazer a exegese da Bíblia – atacar constantemente a opulência do clero, sua lassidão e os esforços da Igreja para aumentar sua riqueza. “Esses pregadores... são beberrões, suas barrigas gorgolejam de tanta bebida e são tão vorazes que enchem seus estômagos até ficarem com a papada pendendo.” Com tais expressões, Hus põe em jogo sua liberdade pessoal principalmente ao questionar a direção da Igreja. “O papa só pode ser o representante de Cristo se for um fiel servidor da glória de Cristo.” Em outras palavras: se alguém se torna papa não tendo sido eleito por Deus, será que devemos obedecê-lo? Tal pergunta naturalmente tem um efeito explosivo sobre o *establishment* eclesiástico ameaçado.

Hus sempre aponta a Bíblia como única fonte vívida para estabelecer diretrizes e tomar decisões

no âmbito da Igreja. Para isso, apoia-se nas ideias formuladas três décadas antes por um pregador inglês: o teólogo John Wycliffe, inspirador “silencioso” de seus escritos teológicos.

TRATADOS DE WYCLIFFE Hus toma conhecimento dos tratados de Wycliffe através de seu erudito colega Hieronymus von Prag, que os trouxera de Londres para Praga em 1382, quando do casamento de Richard II e Ana von Böhmen. Wycliffe, um grande representante do anúncio da Palavra de Deus na língua materna, parece ter sido influenciado pelos pontos de vista dos cátaros e bogomilos.

-Sua famosa frase: “God must obey the devil” (Deus precisa obedecer o demônio) é, na verdade, uma tradução direta do postulado dos bogomilos “o diabo (o demiurgo) é o onipotente e verdadeiro regente deste mundo”;

-A alteração que fez no texto do Pai Nosso “oure breed ouer othir substaunce” – dá-nos hoje nosso pão de cada dia de outra espécie, transcendente, imperecível – é encontrada entre os bogomilos e os cátaros;

-O mesmo vale para a rejeição das liturgias, dos sacramentos, de juramento, da proibição de sacerdotes pecadores de presidirem cerimônias (vide quadro). Hus traduziu literalmente as teses de Wycliffe para o idioma tcheco sem se preocupar com a fonte. Plágio ainda não era um conceito conhecido na época. Mas, na prática, o tcheco assume um ponto de vista mais aprimorado do que Wycliffe.

A PRIMEIRA REFORMA JAN HUS

diretrizes para a Igreja, que se achava muito dispersa naqueles dias depois que Hus e seus seguidores foram os primeiros a se afastar da Igreja Romana no século XV. O movimento popular dos husitas deu origem à primeira organização eclesiástica protestante.



A santa simplicidade

Quando as chamas já o cercavam, aproxima-se dele uma velhinha e atira um graveto à fogueira. *Sancta simplicitas* (Ó santa simplicidade!) teria ele dito, nesse momento, entregando decididamente o corpo ao fogo (5). Depois, os algozes juntaram as cinzas e dirigiram-se ao Reno, onde as espalharam. Isso serviu como *damnatio memoriae* (condenação da memória), como para apagar definitivamente qualquer

recordação. “Este é vosso salvo-conduto?”, pergunta ainda ironicamente Hus ao passar pelo rei Sigismund a caminho da fogueira. Este fica muito ruborizado. Essa reação reveladora entrou para os livros de História. Um século mais tarde, Carlos V refere-se a Sigismund durante um julgamento com condenação à morte: “E eu não vou ficar ruborizado” avisa a seus ouvintes, no momento do anúncio da ordem de execução.



Bíblia Martinitz,
ca. de 1430.
Iniciais no livro
do Gênesis,
provavelmente
a mais antiga
representação da
morte de Jan Hus
na fogueira

O intermediário entre Hus e Wycliffe, Hieronymus von Prag, teve o mesmo destino, no mesmo local, em 30 de maio de 1416. Na Crônica de Richental (registro dos fatos à época do concílio feito por Ulric Richental) consta: “Ao ser conduzido para fora ele rezou o Credo. Em seguida começou a cantar a litania (*Christus vincit, Christus regnat, Christus imperat!* – Cristo vence, Cristo reina, Cristo impera!) e então repetiu o Credo. Ele foi queimado no mesmo lugar que Hus e dele

também não foram ouvidas confissões. Durante o suplício, viveu por mais tempo de que Hus e gritou terrivelmente, pois era um homem forte, com uma densa barba preta. Depois de queimado, suas cinzas e tudo o que sobrou foi espalhado no Reno. Muitos eruditos ficaram profundamente desolados com sua morte, pois ele era mais instruído do que Hus. Era mestre das artes livres em Praga, Londres, Colônia e Erfurt.”

No âmago desse reformador da Igreja desperta uma autoconsciência que se expressa por meio de um pensamento religioso no qual a relação entre Deus ou a supranatureza e o homem representa uma questão individual. Isso mostra que surgiu uma forte necessidade de viver de acordo com as normas, os ideais elevados dos “seguidores de Cristo” (ou seja, de viver de acordo com a *Swet*, que, na língua tcheca, quer dizer “luz primordial”). Juntamente com humanistas como Erasmus ele estabelece a base para um cristianismo no qual o homem segue sua consciência e coloca a vivência espiritual acima dos dogmas eclesiásticos. Ao mesmo tempo, ele é um catalisador em um conflito social em vias de irromper: o velho conflito secular entre autoridade e liberdade, centralização e descentralização, entre a classe dominante e os pobres.

Na preparação do Concílio de Constança, o rei Sigismund, entronizado em 1411, consegue convencer Hus a comparecer para defender suas opiniões – pela paz em seu reino e na Igreja. Hus concorda quando o rei lhe promete que nada lhe aconteceria, que receberia um salvo-conduto e que, durante a viagem, teria um plenipotenciário do rei a seu lado. Hus prepara três discursos calorosos e parece estar convencido de que pode conseguir conquistar o concílio a favor de suas ideias. No início de outubro de 1414, ele sai de viagem. Primeiro ainda se dizia que o rei o acompanharia, mas este só chega dois meses mais tarde. Os dois também não se entenderam bem: o sério asceta Hus e o imperialista Sigismund, que

vivia em estilo borgonhês. O rei só se apresenta em Constança no fim de dezembro. Também o prometido acompanhante real não está presente com Hus quando este vai confiante em direção ao lago de Constança.

LUTA EXAUSTIVA Por toda parte da Europa Central onde fica hospedado, Hus é recebido calorosamente – menos em Constança. Logo após alguns dias ele é detido, por ordem dos cardeais, em uma sala abafada para, por assim dizer, “ser interrogado”. Aquilo se torna uma luta exaustiva que dura várias semanas, com interrogatórios diários e disputas extenuantes com o colégio dos cardeais. São apresentados a ele os “45 artigos de Wycliffe” e pedem-lhe que os renegue.

Quanto a certos artigos, ele desiste; quanto a outros, ele duvida abertamente da formulação correta por parte dos interrogadores. Mas se atém inabalavelmente ao propósito dos artigos e à visão que Wycliffe tem da igreja: Jesus Cristo é o dirigente da verdadeira Igreja. Hus sempre é forçado a desmentir seus pontos de vista, mas ele se recusa a isso. Encontra sua força interior em João 8:32, procura a verdade, ouve a verdade, ensina a verdade, fala a verdade, guarda a verdade, defende a verdade até a morte.

LIVRO DE MOISÉS (LEVÍTICO) O rei Sigismund intervém após alguns meses. Ele faz saber a Hus que lhe é impossível responsabilizar-se pela sua segurança se este não renunciar a suas opiniões. Sigismund determina que sejam realizados três

Johannes hus



Todos têm o direito de ler a Bíblia

Sinopse de algumas opiniões de John Wycliffe:

- A eucaristia é uma invenção humana para a qual não há base nos Evangelhos;
- Não acredita na transformação do pão e do vinho no corpo e no sangue de Cristo (a assim chamada transubstanciação preconizada por Inocêncio III em 1215);
- O status divino e a infalibilidade do papa são absurdos. Pelo contrário: ele é o anticristo;
- Não reconhece autoridade de diáconos e bispos. Consequentemente, nem de arcebispos, cardeais e do papa. Decisões do papa e de concílios não têm valor;
- O poder de “abrir e fechar o céu” não está na igreja ou no papa; portanto, a excomunhão é impossível;
- É contra a confissão que foi introduzida por Inocêncio III, contra indulgências e tradições eclesiásticas;
- Não reconhece santos e é contra peregrinações;
- Luta contra a riqueza da igreja;
- A Bíblia é a Palavra de Deus e todos têm o direito de ler. A proibição de lê-la enunciada no Concílio de Valência em 1299 é absurda;
- Junto com seu secretário, John Purvey, e seus colaboradores foi o tradutor da Bíblia do latim para o idioma inglês.

debates nos quais ele próprio possa estar presente e que, para isso, sejam instituídos “teólogos de alto escalão”. Um deles, Johannes Zacharias, da cidade de Erfurt, sabe como pode “ganhar” Hus com um pequeno troço em sua interpretação de algumas ideias do Velho Testamento no 3º Livro de Moisés. O prelado de Erfurt sai do debate como “vencedor”, deixando-se adornar com uma rosa branca. Foi considerado como aquele que conseguiu levar Jan Hus à fogueira. Este é o mais destacado “mérito” de seu currículo. Após a morte de Zacharias, foi feito um sepulcro debaixo do altar na catedral de Erfurt. Até Sigismund abandonou Hus nessa hora. Em 6 de julho de 1415, o recalcitrante “herege superobstinado” Hus é condenado à morte durante uma reunião plenária (com a presença de todos os membros do concílio), na catedral de Constança. ✪

Citações a pedido dos editores.



Na conferência, os textos trataram de assuntos como reencarnação, influência dos planetas dos mistérios, cristalização, realização da própria escolha e olhar para frente, necessidade de cuidar bem do corpo e outros temas atuais. Falaram sobre transfiguração e renovação, do abrir mão do velho e a vida no agora. Provavelmente a lição mais importante da conferência, que nem precisou ser mencionada, mas que foi vivenciada por todos os presentes, foi: você não está sozinho!

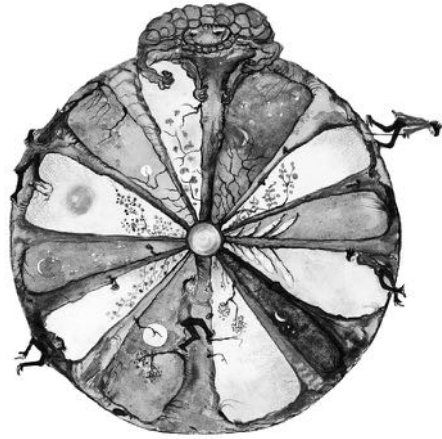
a viagem de mantao III (final)

C.M. CHRISTIAN

Galopei com meu burrinho pelo menos sete dias, seguindo sempre o curso do rio, através de vastos campos férteis, até que os telhados de estanho de uma cidade aparecessem na aurora do dia nascente. O espetáculo, ao longe, era extremamente belo. Depois de uma viagem tão longa, alegrava-me repousar alguns dias num lugar hospitaleiro. Instiguei, portanto, vivamente meu burrinho cinza. Mas ele se imobilizou de imediato e se recusou obstinadamente a avançar. “O que foi?”, perguntei. “É melhor não entrarmos nessa cidade hoje”, respondeu ele. Esse conselho me desagradou. “Então vou sozinho”, respondi impaciente. “Bom, então vá sozinho”, respondeu ele, muito calmo. Eu me pus a caminho. Apoiando-me em meu bastão de peregrino, marchei através dos bosques verdes e luxuriantes, até que tive a alegria de contar, do alto de uma colina, as oitenta e quatro torres da cidade, que orgulhosamente se erguiam no vale. Mas, de repente, um violento estrondo de trovão me jogou por terra, uma coluna de fogo se ergueu da cidade até o céu, envolta em fumaça e flamas. Ouvi, ao longe, um assustador tumulto de pessoas e animais que tentavam sair desse mar de fogo para salvar suas vidas. Profundamente agitado pelo horrível destino que sobreveio a essa cidade, permaneci como grudado sobre a colina, até que tudo foi consumido. Então meu burrinho surgiu a meu lado e pousou em mim seus olhos fiéis e suaves: “Veja o que tentei lhe dizer”. Reconhecido, beijei sua fronte e acariciei longamente sua pelagem. Depois, nós dois abrimos caminho através da espessa fumaça e dos escombros, do fogo latente, dos muros desmorona-

dos, das vigas que ainda queimavam, dos destroços carbonizados, até que atingimos o coração da cidade, onde há pouco se elevava o magnífico palácio de dezoito cúpulas. Sobre uma coluna negra de fumaça estava sentado, sozinho, um velho homem, vestido de trapos como um mendigo, os cabelos chamuscados, o rosto pálido de terror.

“Como um destino tão atroz pode perturbar esta cidade?”, perguntei-lhe. “Infelizmente!”, lamentou-se ele, “Infelizmente, esta cidade era a joia de um soberano que se fazia passar por imperador do mundo, mas que se comportava como um ignorante quanto à natureza e aos céus! Utilizando, sem dominá-las, certas forças secretas, ele abusou de seu poder e, tomado de loucura, conduziu seu povo à perdição. E vocês? O que procuram neste lugar terrível?”, perguntou ele. “Estamos aqui apenas de passagem; seguimos a voz interior para encontrar a pista do tesouro da luz que outrora perdi e que devo agora recuperar”, respondi suavemente. O velho tomou minha mão e não a largou mais. “Eu lhe peço, fale-me então desse tesouro.” Sem saber o que dizer, permaneci silencioso. Depois de algum tempo, no entanto, as palavras chegaram-me aos lábios: “Ele é chamado fruto áureo celeste, a pedra dos sábios ou a pérola. Mas como eu mesmo estou em peregrinação, dificilmente poderia descrevê-lo. No entanto, escute o que vou dizer: quando as coisas enganadoras deste mundo se revelam a você como num espelho, aí sua pista se desvela. Se lhe estendem um cálice da fonte da verdade, aí se manifesta sua força. Quando você descobre que todo o saber do



mundo é apenas engano, aí começa sua sabedoria. No exato momento em que a senda da rosa traça quatro caminhos em forma de cruz, você conhece seu alento. Lá onde a sombra do passado toca o véu do futuro, ali tem início seu presente radiante. Quando o maior dos saberes se inclina diante do ser mais ínfimo, você encontra seu amor. Lá onde a palavra solar ressoa no coração silencioso, ali começa seu mistério...”

Depois me calei. O velho começou então a se lamentar: “Eu, eu... enlouqueci, fui eu quem dominou esta cidade com fogo e sangue, por um artifício do maligno”. Alquebrado, atormentado por sua culpa, profundamente emocionado por sua tomada de consciência, ele caiu de joelhos e gritou: “Meu Deus, como posso expiar semelhante ato?” Por longo tempo permanecemos em silêncio, à espera de uma possível resposta, mas em vão. Dos escombros somente ressoava o eco dos gemidos da morte. Então ofereci meu apoio ao velho homem e estendi-lhe o cálice de água viva para que, segundo a vontade de Deus, um raio de luz pudesse iluminar seu coração ensombrecido. Ele me agradeceu em silêncio, pediu que esperássemos um instante e afastou-se titubeante. Voltou pouco depois, tendo na mão um rubi de grande beleza, do tamanho de um ovo, e me disse: “Este, poupado pelas chamas, permaneceu intacto. É a pedra de fogo que, outrora, caiu do céu, mais exatamente da grinalda que ornava os cabelos de um anjo quando ele se revoltou contra Deus. Ela os preencherá de bênçãos.” Aceitei a estranha pedra. As bênçãos se transformariam em salvação?

Mostrei a ele a flor branca em meu peito. Seu perfume e sua radiação suave penetraram no mais profundo de seu ser e seu coração se abriu. Então todos partimos. Abandonando atrás de nós o lugar queimado que, ainda ontem, era chamado “Kingscharnobiliskan”, a cidade imperial mundial, dirigimo-nos a Oeste, e a viagem prosseguiu durante quase três luas. Embalado pela cadência monótona de meu burrinho cinza, comecei a devanear quando, de repente, como surgido do chão, um vento gelado e belicoso, semelhante a virulentas agulhas soprando em nossas orelhas, nos envolveu. Ele nos puxava, nos assediava como se brincasse com pequenas bolas e, zombeteiro, nos empurrava adiante de si. Para escapar, jogamo-nos no chão. Então, com um riso sarcástico, suas flechas, atiradas do alto, nos alcançaram. Erguemo-nos num pulo e, titubeantes, a toda velocidade, abrimos um caminho até que, completamente exaustos, alcançamos uma formação de rochas que se estendiam a perder vista rumo ao Sul. Pensávamos estar em segurança, mas a tempestade se abateu novamente, jorrando das fissuras, dos buracos, dos barrancos, empurrando-nos de um rochedo a outro, num estrondo ensurdecedor semelhante ao mesmo tempo a um escárnio, a um rugido melancólico e a um chicotear selvagem.

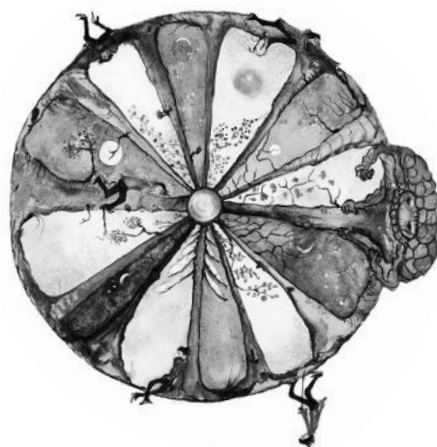
O labirinto! Meu espírito confuso e desordenado acabara de compreender algo: nós, pobres coitados que éramos, encontrávamo-nos prisioneiros da astúcia e da maldade no labirinto dos demônios do Vento. Essa era a marca, assim diz a história, de um ajuntamento de poderosos éons com seus arcontes e de legiões de almas de mortos. Nenhuma



alma vivente ousaria se aventurar ali. Felizmente, nessa noite os céus nos foram favoráveis. Uma boa estrela nos conduziu a um esconderijo protetor em um rochedo em forma de pentágono. Ali encontramos um abrigo contra a tempestade e, por certo tempo pelo menos, pudemos escapar da cólera dos demônios e de seu jogo cruel. Abrigados em nosso esconderijo, repousamos e, após uma sincera e profunda prece, tomamos um banho de frescor na nova força de meu cálice.

Bem alto nos céus, acima de nossas cabeças, através de uma fissura do rochedo, admirei, cintilante e bela, a estrela que velava por nós.

Dormíamos ainda profundamente – quem poderia dizer por quanto tempo? – quando uma voz me acordou, pura e suave como eu jamais ouvira: “Não tema, amigo, mas alegre-se de ter chegado a tempo! Já faz mil anos que estou aprisionado aqui e aguardo que um homem venha me libertar”. “Quem é você?” perguntei eu, animado por uma



alegria extrema. “Eu sou a verdade revestida de pele de águia. Venho da grande luz. Sou o mensageiro do reino do Pai ao filho perdido. Sou a sabedoria que, suspensa no rochedo, conhece o supra caminho que conduz a Ele. Sou o amor, que deu a serpente em oferenda, por amor do filho. Sou a vontade do Pai, que guarda num ninho, no alto, a pérola de luz. Sou a força do silêncio que chama o filho para despertar. Sou o raio do poder do rei que aguarda que você volte para casa. Sou a águia da luz.”

Depois fez-se silêncio.

Vivamente comovido, eu disse: “Onde está você, águia? Como posso encontrá-la?” Apenas o eco de minha voz me respondeu. Depois houve um profundo silêncio. Eu quis deixar imediatamente o esconderijo no rochedo. No entanto, assim que pus a cabeça para fora, as flechas da tempestade caíram novamente sobre mim. Por isso decidimos permanecer ali e aguardar um momento mais favorável.

Na terceira noite a estrela brilhava sempre acima de nossas cabeças; meu burro me tirou de minha sonolência e disse: “Você está ouvindo os espíritos dos reis? Eles querem falar com você!” Mas eu nada ouvia além de estremecimentos, murmúrios e silvos, e cochilei. Um pouco mais tarde, meu burrinho me sacudi novamente: “Olhe! Agora eles vêm nos visitar!”

Então esfreguei os olhos e olhei com cuidado ao meu redor. Na luminosidade da aurora, percebi, saindo das fendas do rochedo, milhares de soldadinhos negros insignificantes, vindos de toda parte, marchando em longas filas e colocando-se em

formação de batalha ao redor de meus pés.

Senti profunda repulsa quando me dei conta do que nosso destino nos reservava, pois essas eram as infames formigas necrófagas que, em um segundo, nos devoram até o esqueleto.

Minha intenção era dar pontapés furiosos ao meu redor, quando minha alma, pela terceira vez, me repreendeu, mas dessa vez me tocou com seu casco: “Ao invés de fazer isso, escute o que o mundo dos espíritos quer lhe dizer!”

Eu me inclinei profundamente até que, nesse formigamento e nesse zumbido infernal, ouvi uma ameaça claramente reconhecível. Tratava-se das forças do vento e dos reis dos espíritos que, no reino dos demônios, transformaram-se voluntariamente em parasitas. Como legiões de formigas, eles faziam, em coro, parte dessa ameaça. Eles ameaçavam nos devorar instantaneamente até os ossos se eu não colocasse imediatamente no meio deles o cálice que trazia comigo.

O cálice! O objetivo da caçada, a intenção do jogo dos demônios, era se apropriar, mediante astúcia e maldade, da fonte da água da vida, do cálice sagrado.

Antes mesmo que eu pudesse me dar conta da brutalidade do jogo e que, tonto de hesitação, pudesse refletir sobre uma resposta adequada, ouvi novamente, de modo claro e cintilante, dentro de mim, a voz da águia: “O momento oportuno chegou, meu amigo, venha para mim!”

“Eu vou!”, disse eu, “Pai bem-amado, que sua vontade se cumpra!”

Tomei o cálice e o segurei firmemente na mão. Depois subi a toda velocidade no meu burro e lhe sussurrei: “É agora o momento. Galopemos, vamos!”

E quando ele aumentou a velocidade, eu, orando interiormente, aspergi os arredores com gotas mi-lagrosas do cálice.

A legião de formigas, assustada e desconcertada, fugiu. Os demônios do vento e seus éons, os reis dos espíritos e suas legiões, consternados, fizeram o mesmo, pois as gotas inflamadas da água viva os asfixiava. Foi assim que o cálice, por meio de suas forças e pela graça de Deus, traçou-nos um caminho para a liberdade. E, pelo menos por esse momento, pudemos escapar.

Continuamos nossa rota através do labirinto rochoso que, em espiral, parecia subir cada vez mais alto. Na rocha havia também, aqui e ali, hieróglifos gravados, que nos apontavam passagens para as rochas mais elevadas. Quando já havíamos subido seis espirais, fatigados, deparamos com uma muralha rochosa: o fim de nossa viagem. Porque, como, em tais circunstâncias, seria possível continuar? Ao olhar para baixo, no abismo vertiginoso, surpreendi caretas iradas entre as rochas, criaturas malignas e, além do mar cinza de pedras, um exército de insetos abomináveis que se aproximava.

“Até aqui e não mais além”, disse meu burro. Para minha grande consternação, percebi que meu amigo cinza mancava. Sob seu casco esquerdo traseiro vi um ferimento causado por mordida de formiga. Depressa, coloquei sobre ele uma gota do bálsamo sanador e massagei suavemente com o rubi. Mas

em vão. Meu burrinho deitou-se de lado e disse com voz suave, mas firme: “Fico aqui. Continue sozinho, com a graça de Deus. Meu tempo chegou e vou morrer, mas é para sua salvação, você vai ver.”

Isso me tocou profundamente. Essas palavras de meu amigo pesaram em mim. No entanto, senti, devido à antiga lei das estrelas, que deveria ser assim. Dei um beijo fraternal em meu companheiro de caminhada e agradei por toda sua fidelidade. Depositei a flor branca sobre seu peito, e ele morreu. Foi assim que nos despedimos um do outro. Nesse momento, a voz da águia elevou-se com força: “Venha, filho do Pai, agora realmente está na hora!”.

À beira do desespero, procurei na parede da rocha um caminho. Mas tudo se mostrou em vão. A parede era negra como ônix e lisa como cristal. Nenhum ponto de apoio, nenhuma fenda para pés ou mãos. Como eu poderia escalar a parede? Impossível! Eu estava diante de um muro. Seria o fim? E o exército de formigas se aproximava cada vez mais.

Repassei todo o comprimento do muro de rocha e percorri pelo menos noventa e nove passos, de um lado a outro da parede. Por fim, descobri, gravada na pedra, uma cruz com uma flor no centro. Isso me deu coragem. E exatamente nesse local percebi uma fissura, do comprimento de pelo menos três mãos, no muro vertical de rocha! No entanto, antes de começar a subir, olhei para o local onde me separara de meu amigo e um tremor de horror, mas também de gratidão, percorreu minha espinha.



Lá, naquele lugar, estava estendido um esqueleto totalmente branco, bem limpo pelas formigas. Foi assim que meu burrinho deu sua vida por mim.

Então, eu me introduzi na fenda e me impulsionei com toda a força de minha esperança aproximadamente cem metros mais alto.

Como cheguei ali, não sei. Mais morto que vivo, arrastei-me até um platô rochoso, e fiquei estupefato com o panorama! Era como se o mundo inteiro estivesse a meus pés. E bem ao longe, no horizonte, o sol poente mergulhava no mar de brumas flamejantes. Que vista magnífica! Eu me senti infinitamente pequeno. Acima de mim, na suavidade violeta do firmamento, brilhava a estrela. Então a voz, claramente reconhecível, soou em meus ouvidos: “Então, você chegou!”

Eu me volvei e, sobre a mesa de pedra cavada no recinto, estava um lagarto gigante, sinuoso, enlaçando uma rocha em forma de T, que se erguia com imponência. Sobre esse rochedo estava, imóvel, arnesada com suas potentes asas, mas tendo na pata um pesado anel de ferro, prisioneira e coberta de ferimentos, a águia.

“Não tenha medo! Aproxime-se de mim!”, disse ela. A irradiação de seu olho de águia penetrou profundamente em mim. Corajoso, mas tremendo como uma folha, eu me aproximei das escamas negras do lagarto gigante que estava ali deitado, com a cauda na própria boca. Sem fazer barulho, alcei-me mais alto graças às placas pontudas, das quais emanava o hálito quente e sulfuroso de um mundo de sonhos calcinado. Um último impulso

e me encontrei diante do rochedo em forma de T. Então, volvei os olhos para ele. Um sopro puro, suave e calmo, nesse instante, prendeu toda minha atenção. A águia me perguntou: “Você está pronto para a ação?” Eu a olhava com o coração... Bem no alto do céu cintilava, brilhante, a estrela, e eu respondi: “Sim!”. “Escute isto,” prosseguiu a águia, “em total liberdade eu me fiz prisioneira do mundo, na esperança de que uma semente de amor pudesse germinar e se inflamar nos corações dos homens até a ação libertadora.”

Estimulado por essas palavras, coloquei o cálice diante do rochedo e depus ali o rubi. “Estou pronto. Permita que a liberte rapidamente!” “Você está pronto a fazer o mesmo que eu por seus irmãos humanos? Então suba, desate minhas correntes e prenda-as a você mesmo.”

Quando ouvi isso, as estrelas desapareceram atrás de leves nuvens. Apenas a ideia do destino que me aguardava fez que um tremor percorresse meu peito. A dúvida me assaltou: teriam sido vão todos os meus esforços para alcançar a salvação eterna? Minha busca acabaria com um resultado assim? Em que onda tenebrosa eu submergiria aqui, agora? A águia percebeu meu tremor e, num tom carregado de doçura, me disse: “Volte, meu amigo, se a ação é muito difícil para você. Esperarei um momento mais oportuno.”

Essas palavras clementes me atingiram como um raio fulgurante. Somente então percebi o sentido da oferenda e seu maravilhoso mistério se desvelou: é o que chamamos Amor de Deus.

Inclinei profundamente a cabeça e implorei: “Pai, perdoe-me!”

Então, estando pronto, executei a ação. Alcei-me ao alto do rochedo e desfiz o anel de ferro que encerrava a pata da águia. Nesse momento, somente reinava acima de mim o silêncio, infinitamente puro. Coloquei meu pé no anel e o fechei. Atualmente carrego eu mesmo o jugo: fui incorporado na corrente de oferenda a serviço de todos os meus irmãos humanos, para ajudá-los a se libertar e a retornar à casa do Pai.

Quanto à águia, já liberta do anel aprisionador, mergulhou no cálice, e este curou suas feridas. Ela tomou o vinho. E o rubi, a pedra ígnea, ela o engoliu. Então, desdobrou suas asas e, na paz irradiante de sua força interior, cantou seu Hino ao Sol:

“Da árvore das joias eternas
uma pérola caiu no espaço-tempo.
E, com ela, o coração dos homens
mergulhou na noite do mundo e na dor mortal.

Mas o Sol dos sóis buscou por toda parte;
ele enviou seus raios através do espaço e do
tempo,
até que encontrou a pérola
e reconquistou o coração dos homens.

Agora, no mundo da noite e da morte,
é nessa irradiação que o coração do homem
traz sua pérola e a carrega até o céu, para o Reino
do Sol,
e a pendura novamente na árvore das joias.”

Depois de seu hino, que penetrou meu coração
profundamente como um bálsamo, pois ele havia

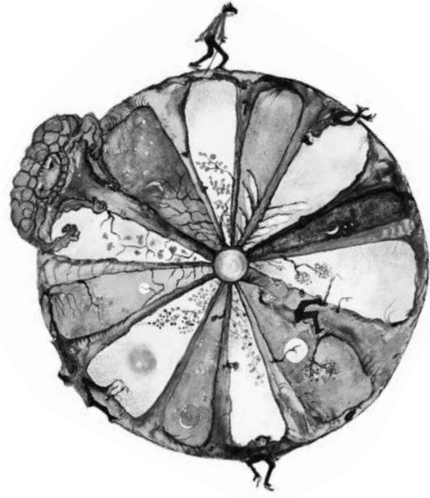
ressoadado, claro como o dia, a águia me interpelou:
“Agora, irmão, venha! Voemos juntos ao monte do
Éden!”

“Ao monte do Éden? Como é possível, com meu
pé preso neste anel, que está soldado à rocha?”
Então – oh maravilha incompreensível! – apesar de
meu corpo suspenso no rochedo, voltado à terra
em auto-oferenda, minha alma, orientada para o
céu, viu-se inflamada pelo amor. Agora, duas asas
magníficas estavam brotando, uma de cada lado
de minha alma. Eu as fiz moverem-se para cima
e para baixo, e me desprendi do rochedo graças
a esse corpo singular, e voei com a águia, trans-
passando, assim, o reino da noite, ao encontro da
aurora flamejante.

Bem abaixo de nós, formando um tipo de espuma,
estendia-se um oceano de brumas: o mundo da
ilusão. Bem acima de nós, resplandecia, cada vez
mais luminoso, o espaço incomensurável. Por
quanto tempo voamos não sei dizer, uma vez que
nesse domínio os dias e as horas não existem.

Aqui, ao lado da águia, torno-me consciente de
como os mundos se interpenetram: sete esferas
girando umas dentro das outras e gravitando ao
se inclinar em um movimento espiralado ao redor
de um ponto central do universo, o Sol dos sóis
– esse Sol que se reflete no interior dos homens
como centelha divina. Esse Sol que conduz o todo
à vida. Esse Sol que quer ser conhecido por todos
os seres, que quer se manifestar em toda a criação
como amor de Deus, Espírito e Vida.

Como era delicioso deslizar e planar no azul, com
batidas de asas macias ao lado da águia, sem gra-



vidade e com toda liberdade! Mas, de repente, deparamos com um imponente maciço montanhoso. Havia milhares de picos abaixo de nós, envolvidos por neves eternas. O mais elevado deles, que a águia havia escolhido como destino final, era chamado Montanha do Éden. Ali, gravitando ao redor desse local, nos deixamos cair lentamente até a terra. No cimo, próximo a um glacial em declive, em um enclave de rocha protegido do vento, havia um abrigo.

“Venha e veja”, disse ela, e me mostrou seu ninho. A princípio, vi apenas ramos nodosos. Mas, depois de me aproximar, descobri, incrustado entre musgo e galhos, num recipiente verde aveludado, algo resplandecente, irradiante de beleza, redondo e imaculado. Eu jamais vira tamanho esplendor! “Aceite isto de minha parte em sinal de gratidão e de reconhecimento e leve-o a seu Pai”, disse a águia.

E embora o recebesse com júbilo, tive de fechar os olhos, cegado que estava por seu brilho deslumbrante. Era a pérola, o fruto celeste há tanto tempo desejado! A pedra dos sábios! Que força, que luz jorrava em mim! Meu olho solar despertou. Imergi completamente no oceano de flamas douradas e, graças ao banho de fogo alquímico que me impelia, fui transportado para o alto através de sete círculos, até o ponto de partida onde, outrora, minha viagem havia começado.

Novamente, como no primeiríssimo começo, eu estava no jardim de meu rei Man. Lá está a velha árvore. Na fonte, a nascente está cantando. Um

tapete de rosas se estende sobre a região como uma esposa envolta em seu véu e, em miríades de pérolas, se reflete, resplandecente, o Sol. Desse esplendor de luz elevam-se rosas perfumadas, e todos os pássaros, em coro, dão gritos de alegria. Sim: voltei à minha casa, ao meu país de origem! Tenho novamente uma veste brilhante, permeada de pedras preciosas e, sobre minha cabeça, uma coroa: de agora em diante eu me chamo Manto, “Filho de Rei”. E diante de mim está meu Pai, como antes, como se nada tivesse ocorrido. Em minha mão, tenho o mais belo fruto da velha árvore. Pleno de alegria, eu o ofereço a Ele. Meu Pai o toma e, sorridente, diz: “Meu filho bem-amado, estou feliz. Agora você compreende o que é o tempo?”

“Oh, Pai,” digo com voz suave, “o senhor me iniciou no seu mistério. Profunda foi minha queda. O caminho foi longo e a viagem prodigiosa. Permita-me contar-lhe o que aconteceu”.

Assim que disse isso, minha Mãe, o Silêncio, penetrou no meio do jardim e depositou um beijo em minha boca. Bem-aventurado, eu me calei. Então, na velha árvore perto da fonte ouvimos cantar o hino de alegria dos serafins e dos querubins alados em honra ao Sol dos sóis. ☼



O caminho é longo e difícil quando estamos sós, mas juntos o caminho se torna mais curto e mais fácil. Aproveite as chances que se apresentarem e aceite a ajuda do grupo e dos irmãos. Sempre há ajuda e sempre há Luz. Assim como os olhos humanos conseguem perceber uma vela acesa a uma distância de uns 1,6 km, assim a Luz de Deus consegue ser vista melhor na escuridão.

Foi assim que a Páscoa foi vivenciada em Caux, tanto pelos alunos mais jovens como pelos mais velhos dirigentes da mocidade: como um archote de Luz e Alegria. É essa Luz que é levada para um número cada vez maior de irmãos e irmãs fazendo que a unidade que já temos se fortaleça ainda mais.



O que logo chamou a atenção foi a unidade de grupo. Era realmente um Todo, e, mesmo quem se separava, podia sentir à distância que estava ligado com o grupo: um grupo de amigos vindos de toda a Europa, visando o mesmo objetivo, em conjunto. Naturalmente não deixou de faltar a atmosfera muito peculiar dos jovens. Talvez a melhor maneira de descrevê-la fosse um ambiente aconchegante, acolhedor e descontraído, e que também foi vivenciado pelos não-jovens.

Chega o momento em que o jovem tem coragem suficiente para romper as barreiras do finito, assim como uma estrela irrompe, libertando-se da nebulosa que a formou. É o início de uma decisão. E ele se decide cada vez mais firmemente a trilhar seu próprio caminho: o caminho que o leva do exterior para o interior. Cascatas de palavras cedem lugar a um mar de silêncio. De um modo ou de outro tudo vai ficando cada vez mais claro: o ser humano que ele traz em seu interior, mais ou menos oculto, e que está lá dentro há tanto tempo, manifesta-se cada vez mais nitidamente. O ilimitado começa a pulsar em seu coração. Ele procura dissolver constantemente o que parece ser limitado, trazendo tudo para dentro de si, tudo estruturando e tudo dissolvendo.

